

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC LICENCIATURA
EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA**

JÉSSICA PALHANO RIBEIRO

**O PROTAGONISMO FEMININO NA SAGA CORTE DE ESPINHOS E ROSAS DE
SARAH J. MAAS**

LAGES – SC

2025

JÉSSICA PALHANO RIBEIRO

**O PROTAGONISMO FEMININO NA SAGA CORTE DE ESPINHOS E ROSAS DE
SARAH J. MAAS**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientador(a): Altamir Guilherme Wagner

LAGES – SC

2025

JÉSSICA PALHANO RIBEIRO

**O PROTAGONISMO FEMININO NA SAGA CORTE DE ESPINHOS E ROSAS DE
SARAH J. MAAS**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2025.

Banca examinadora:

Orientador(a) Altamir Guilherme Wagner

Prof. Rodrigo Ogliari Coelho

Prof. Me. Kátia M. Ferreira Pessoa

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia às pessoas que caminharam ao meu lado com amor, apoio e paciência durante toda a minha trajetória acadêmica. Cada conquista aqui representada carrega um pouco de vocês.

À minha mãe, Ângela, minha fonte de força e ternura. Obrigada por me ensinar, com sua sabedoria silenciosa e sua coragem cotidiana, a importância de persistir mesmo diante das dificuldades. Seu amor e dedicação foram essenciais para que eu chegassem até aqui.

Ao meu pai, Marcirio, que me mostrou, com sua honestidade e generosidade, o valor do trabalho honesto e da integridade. Suas palavras de incentivo e sua confiança em mim foram fundamentais para que eu acreditasse no meu próprio caminho.

Ao meu irmão, Gabriel, presença constante e companheira. Obrigada por sua escuta, pelas risadas que aliviaram o peso dos dias difíceis e pela amizade que me sustenta em silêncio.

Ao meu namorado, Gabriel Dalbosco, com quem compartilho sonhos, medos e vitórias. Obrigada por sua paciência nos dias longos, por me incentivar quando a motivação faltava, e por acreditar em mim com tanto carinho. Sua parceria foi luz e equilíbrio durante todo este processo.

A cada um de vocês, dedico não apenas este trabalho, mas todo o aprendizado, os desafios superados e os frutos que esta jornada proporcionou. Esta conquista também é de vocês, vocês são parte essencial da minha história.

Com amor e gratidão,
Jéssica Palhano Ribeiro.

“As bibliotecas estavam cheias de ideias, talvez a mais perigosa e poderosa de todas as armas.”

Sarah J. Maas

RESUMO

Esta monografia analisa criticamente o protagonismo feminino na saga *Corte de Espinhos e Rosas*, da autora Sarah J. Maas, publicada entre 2015 e 2021. A pesquisa se baseia em estudos feministas e de gênero para investigar como personagens como Feyre Archeron, Morrigan, Amren, Nestha e Elain expressam resistência, autonomia e subjetividade dentro de um universo fantástico permeado por hierarquias de poder, violência simbólica e estruturas patriarcais. O objetivo principal é compreender como essas personagens rompem com modelos tradicionais de representação feminina na literatura fantástica jovem-adulta. Entre os objetivos específicos estão: identificar traços de empoderamento feminino na construção das personagens; analisar os conflitos entre opressão e liberdade nas relações políticas e interpessoais; examinar os significados simbólicos das trajetórias femininas; e discutir a recepção da saga sob uma perspectiva de gênero. A metodologia adotada é qualitativa, bibliográfica e interpretativa, com base na análise das obras que compõem a série: *Corte de Espinhos e Rosas* (2015), *Corte de Névoa e Fúria* (2016), *Corte de Asas e Ruína* (2017), *Corte de Gelo e Estrelas* (2019) e *Corte de Chamas Prateadas* (2021). O embasamento teórico inclui autoras feministas como Simone de Beauvoir (1970, 1980, 2016), com sua crítica ao essencialismo e à construção da mulher como “o outro”; Judith Butler (2003), com a teoria da performatividade de gênero; Heleith Saffioti (1987, 2004), que discute o patriarcado como estrutura material e simbólica de opressão; Tithi Bhattacharya (2020), com sua abordagem marxista da reprodução social; Maria Rita Kehl (2009), a partir da psicanálise e dos efeitos subjetivos da violência; Rita Laura Segato (2016, 2020), com os conceitos de pedagogia da残酷 e crítica à colonialidade do poder; além de autoras brasileiras como Lélia Gonzalez (1988), Heloísa Buarque de Hollanda (1994) e Elizabete Menicucci (2007). Os resultados mostram que a saga rompe com estereótipos femininos ao apresentar protagonistas complexas, que exercem poder e afetividade de forma autônoma. As personagens enfrentam traumas e dilemas morais profundos, sendo agentes de transformação num contexto marcado por guerras, opressões e estruturas mágicas patriarcais. A obra também aborda temas atuais como saúde mental, sexualidade, sororidade e violência de gênero, oferecendo ao público jovem-adulto uma narrativa com potencial emancipatório. Conclui-se que a saga representa uma contribuição

relevante para a literatura fantástica e os estudos feministas, ao propor uma visão crítica, multifacetada e engajada da representação feminina na ficção contemporânea.

Palavras-chave: Sarah J. Maas. Literatura Fantástica. Protagonismo Feminino. Feminismo. Gênero. *Corte de Espinhos e Rosas*.

ABSTRACT

The female protagonism of the series a court of thorns and roses

This monograph critically analyzes the female protagonism in the *A Court of Thorns and Roses* series by Sarah J. Maas, published between 2015 and 2021. The research is based on feminist and gender studies to investigate how characters such as Feyre Archeron, Morrigan, Amren, Nestha, and Elain express resistance, autonomy, and subjectivity within a fantastical universe marked by power hierarchies, symbolic violence, and patriarchal structures. The main objective is to understand how these characters break away from traditional models of female representation in young adult fantasy literature. Specific goals include identifying traits of female empowerment in character construction; analyzing the conflicts between oppression and freedom in political and interpersonal relationships; examining the symbolic meanings of the characters' trajectories; and discussing the series' reception from a gender perspective. The methodology is qualitative, bibliographic, and interpretative, based on the analysis of the books that make up the series: *A Court of Thorns and Roses* (2015), *A Court of Mist and Fury* (2016), *A Court of Wings and Ruin* (2017), *A Court of Frost and Starlight* (2019), and *A Court of Silver Flames* (2021). The theoretical framework includes feminist authors such as Simone de Beauvoir (1970, 1980, 2016), with her critique of essentialism and the construction of woman as "the other"; Judith Butler (2003), with the theory of gender performativity; Heleith Saffioti (1987, 2004), who discusses patriarchy as a material and symbolic structure of oppression; Tithi Bhattacharya (2020), with her Marxist approach to social reproduction; Maria Rita Kehl (2009), from a psychoanalytic perspective on the subjective effects of violence; and Rita Laura Segato (2016, 2020), with her concepts of the pedagogy of cruelty and criticism of colonial power. It also includes Brazilian scholars such as Lélia Gonzalez (1988), Heloísa Buarque de Hollanda (1994), and Elizabete Menicucci (2007). The results show that the saga challenges female stereotypes by presenting complex protagonists who exercise power and affectivity autonomously. These characters face trauma and deep moral dilemmas, acting as agents of transformation in a context shaped by wars, oppression, and magical-patriarchal structures. The series also addresses current themes such as mental health, sexuality, sorority, and gender-based violence, offering young adult readers a narrative with emancipatory potential. It is concluded that the saga represents a significant contribution to fantasy literature and

feminist studies by presenting a critical, multifaceted, and engaged view of female representation in contemporary fiction.

Keywords: Sarah J. Maas. Fantasy Literature. Female Protagonism. Feminism. Gender. *A Court of Thorns and Roses*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1- TEORIZANDO O FEMINISMO, A REPRODUÇÃO SOCIAL E A OBJETIFICAÇÃO SEXUAL.....	14
1.1. FEMINISMO: UM MODO DE PENSAR EMANCIPATÓRIO E TRANSFORMADOR	14
1.2. TRABALHO DAS MULHERES E REPRODUÇÃO DA SOCIEDADE.....	16
1.3. OBJETIFICAÇÃO SEXUAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	18
1.4 EXAMINANDO O PODER.....	20
1.5 PROTAGONISMO FEMININO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	21
CAPÍTULO 2: CONHECENDO A AUTORA E O UNIVERSO DE CORTE DE ESPINHOS E ROSAS.....	24
2.1 QUEM É SARAH J. MAAS?.....	24
2.2 INTRODUÇÃO AO UNIVERSO DE SARAH J.MAAS.....	25
2.3 CORTES FEÉRICAS.....	27
2.3.1 Corte Primaveril	28
2.3.2 Corte Estival.....	29
2.3.3 Corte do Outonal.....	30
2.3.4 Corte Invernal.....	30
2.3.5 Corte Diurna.....	31
2.3.6 Corte Crepuscular.....	32
2.3.7 Corte Noturna.....	33
2.4 INTRODUÇÃO AOS PERSONAGENS.....	34
2.4.1 Feyre Archeron.....	35
2.4.2 Tamlin.....	37
2.4.3 Rhysand.....	38
2.4.4 Lucien.....	39
2.4.5 Morrigan (Mor).....	40
2.4.6 Cassian.....	41
2.4.7 Azriel.....	43

2.4.8 Amren.....	44
2.4.9 Nestha Archeron.....	45
2.4.10 Elain Archeron.....	46
2.5 POLÍTICA, GUERRAS E CONFLITOS.....	47
CAPÍTULO 3: IMPACTO DA SAGA E RECEPÇÃO PELO PÚBLICO.....	49
3.1 O SUCESSO DA SAGA ENTRE OS LEITORES.....	49
3.2 COMO O FEMINISMO É ABORDADO NAS CRÍTICAS E DISCUSSÕES DA SAGA.....	51
3.3 A PERCEPÇÃO DOS LEITORES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA DA SAGA.....	51
3.4 O PAPEL DAS PERSONAGENS FEMININAS NA POPULARIDADE DA SAGA.....	53
3.5 O QUE ATRAIU OS LEITORES PARA A SAGA.....	54
3.6 A RECEPΤIVIDADE DO PÚBLICO JOVEM-ADULTO AOS ELEMENTOS FEMINISTAS DA SAGA.....	55
3.7 A EVOLUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS AO LONGO DA SAGA.....	56
3.8 A RELAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS COM A AUTONOMIA E A INDEPENDÊNCIA.....	57
3.9 PERSONAGENS FEMININAS EM A CORTE DE ESPINHOS E ROSAS À LUZ DE TEORIAS FEMINISTAS.....	59
3.9.1 Feyre Archeron – A responsabilidade social da mulher e o sacrifício feminino.....	60
3.9.2 Morrigan (Mor) – Resistência e autonomia frente à cultura da violência.....	61
3.9.3 Amren – A recusa da feminilidade normativa e o poder alternativo.....	61
3.9.4 Nestha Archeron – Trauma, resistência e a recusa do papel de cuidadora.....	62
3.9.5 Elain Archeron – A força silenciosa e o poder da sensibilidade.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de compreender os desafios do protagonismo feminino nas produções literárias e culturais contemporâneas, este estudo primeiramente estabelece um fundamento teórico útil para contextualizar as análises sugeridas neste trabalho. Assim, o objetivo deste capítulo é mergulhar criticamente no centro nervoso dos principais pontos de referência para o debate de gênero, a partir de um foco em três eixos principais: o feminismo como proposta epistemológica, de política pública e prática social; a reprodução social como avanço na compreensão do papel estrutural das mulheres na perpetuação da sociedade capitalista; e a objetificação sexual como uma das formas mais viscerais de violência simbólica e material imposta ao corpo feminino.

Essa jornada teórica não é meramente um pano de fundo, mas uma maneira ativa de observar como algumas das dinâmicas de poder, opressão e resistência podem ser expostas a partir das narrativas que abordo nos capítulos seguintes. Nas últimas décadas, temos testemunhado o desenvolvimento do pensamento feminista devido à interação entre filosofia, sociologia, psicanálise, história, ciência política, crítica literária e estudos culturais. É com base nessa pluralidade teórica que o feminismo deve ser interpretado não como um bloco monolítico, mas como um campo disputado de negociações e redefinições que abalroa as estruturas hegemônicas e os fundamentos sobre os quais baseamos o que são identidade, sujeito, corpo, trabalho, desejo, liberdade, etc.

Começamos aqui nossa busca por definições de feminismo como uma forma de pensamento emancipatória e transformadora, desmontando a noção de identidade feminina como uma essência natural herdada da humanidade em geral, e passando a vê-la como um constructo histórico, cultural e político.

Nesse esforço, dialogaremos com autores centrais, como Simone de Beauvoir(1970, 1980, 2016) , Judith Butler (2003), Helelith Saffioti(1987, 2004), Tithi Bhattacharya(2020), Maria Rita Kehl (2009), entre outras, que fazem contribuições diversas, mas interconectadas, aos debates sobre a constituição social de gênero, da opressão patriarcal, da interseccionalidade e das possibilidades de resistência.

O texto de Beauvoir (1970) inicia a crítica ao essencialismo com a afirmação de que “não se nasce mulher, torna-se”, e Butler (2003), radicaliza essa crítica com a afirmação de que o gênero é performativo e não pode ser encontrado fora das normas discursivas que o cercam. Contra tais implicações filosóficas e pós-estruturalistas, feministas como Saffioti (2004), (1983), (1987) e Bhattacharya (2020), exigem uma abordagem materialista e histórica à condição das mulheres, com ênfase no nexo indissolúvel entre patriarcado, capitalismo e racismo como sistemas de dominação.

Abordaremos a reprodução social como uma categoria central para iluminar o papel oculto e estrutural das atividades desempenhadas pelas mulheres nas operações da máquina capitalista. As funções reprodutivas, os cuidados prestados, a sustentação da vida cotidiana e a formação da força de trabalho, responsabilidades historicamente atribuídas às mulheres, são sistematicamente desvalorizadas e não reconhecidas como elementos essenciais para a manutenção da atual ordem econômica. Ler Bhattacharya (2020), então, é crucial para entender como o feminismo marxista articula uma nova centralidade política para a reprodução social, e vincula as reivindicações feministas com uma crítica radical à lógica do capital. Saffioti (2004), por sua vez, examina como esse encobrimento é consolidado através de tal estrutura patriarcal, reproduzindo desigualdades do lar ao estado. Seu debate também é enriquecido pelos escritos de Ana Alice Costa (2000) e Elizabete Menicucci (2007), que permitem que isso seja problematizado sob o aspecto político e histórico específico da luta das mulheres por espaço na vida social brasileira, apresentando uma leitura parcialmente posicionada e crítica da realidade da América Latina.

Abordaremos também a objetificação sexual e violência de gênero, considerando que essas práticas são as formas mais extremas do exercício da dominação patriarcal. A objetificação, por sua vez, serve para desumanizar o corpo feminino, tornando-o um mero objeto de desejo e consumo, justificando diferentes formas de violência física, simbólica e institucionalizada. Simone de Beauvoir (1949), (1970), (2016), e Rita Laura Segato (2016), (2020), (2021), (2025), entre outros, são reconhecidas como autoras fundamentais que possibilitam uma análise que busca explicar os processos que reproduzem a erotização compulsiva da feminilidade e a pedagogia da crueldade, um mecanismo desenvolvido por Segato (2016), para descrever os processos de legitimação da violência contra as mulheres nas sociedades patriarcais.

Kehl (2003), (2009), por sua vez, oferece uma leitura psicanalítica dos efeitos subjetivos dessas emasculações, considerando como o edifício da identidade (feminina) é marcado por ausências, cicatrizes e deslocamentos. Mídia de massa, publicidade, indústria cultural e redes sociais são capazes de funcionar como vetores de circulação para discursos que reproduzem a desigualdade de gênero, tornando-os objetos indispesáveis de análise para a compreensão da perpetuação da objetificação na contemporaneidade.

Nesse sentido, este presente estudo não apenas sistematiza as principais teorias que fundamentam a análise do protagonismo feminino, mas também expõe as inter-relações entre opressão de gênero, estrutura econômica, dominação simbólica e violência institucional. Na construção do aparato teórico, pretendemos mostrar que a leitura feminista como abordagem à cultura e literatura é, antes de tudo, um gesto político, que recusa a neutralidade epistemológica, e que busca interferir criticamente na realidade, lutar por novas formas de subjetividade e existência, e imaginar o futuro.

Este presente estudo tem como objetivo geral analisar a representação do feminismo e do protagonismo feminino na *Saga Corte de Espinhos e Rosas*, de Sarah J. Maas. Os objetivos específicos são: identificar características feministas nas personagens principais da série; verificar como a narrativa contribui para a construção do protagonismo feminino; relacionar a obra com teorias feministas e estudos de gênero; e analisar o impacto da saga no público leitor em relação à percepção do feminismo.

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseada na leitura e análise de obras literárias e teóricas, especialmente voltadas ao feminismo, aos estudos de gênero e à crítica literária, com o intuito de compreender como as representações femininas são construídas dentro da narrativa da saga e quais seus desdobramentos sociais e simbólicos.

A monografia está organizada em três capítulos principais: o Capítulo 1 será teórico e abordará os fundamentos do feminismo, da teoria da reprodução social e da objetificação sexual, com base nas autoras e teóricas feministas selecionadas para o estudo. O Capítulo 2 explicará como funciona o universo ficcional da saga *Corte de Espinhos e Rosas*, apresentando sua ambientação, estrutura mágica, política e os elementos centrais da narrativa. Por fim, o Capítulo 3 trará a análise das personagens femininas da obra à luz das teorias discutidas anteriormente, relacionando suas

trajetórias com os conceitos de empoderamento, opressão, resistência e identidade de gênero.

CAPÍTULO 1: TEORIZANDO O FEMINISMO, A REPRODUÇÃO SOCIAL E A OBJETIFICAÇÃO SEXUAL

Este capítulo sugere uma imersão teórica nos princípios que sustentam a análise do protagonismo feminino: feminismo, reprodução social e objetificação sexual. Para isso, entraremos em diálogo com autores-chave que traçaram o mapa dessas discussões, propondo um aparato teórico para entender a complexidade das questões sobre gênero e relações de poder nas quais a sociedade está imbricada.

1.1. FEMINISMO: UM MODO DE PENSAR EMANCIPATÓRIO E TRANSFORMADOR

O Feminismo vai além da mera busca pela igualdade formal, sendo, na verdade, um espaço amplo e heterogêneo de teorias, práticas e movimentos que buscam desmantelar estruturas patriarcais de opressão e marginalização das mulheres. Simone de Beauvoir (1970), em *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*, estabelece as bases para uma visão existencialista sobre a Feminilidade e sugere que "não se nasce mulher, torna-se mulher." (Beauvoir, 1970, p. 9). E essa afirmação é em si revolucionária, pois desafia crenças que permaneceram inabaladas por séculos, dissolvendo-as com o reconhecimento de que gênero não é algo natural, mas social e cultural, e não de todo algo apenas biológico, como se imagina.

Beauvoir (1970), continuou a mostrar que, desde o início dos tempos, as mulheres foram sempre construídas em oposição aos homens, como o "Outro", o "Segundo Sexo", sempre o outro e o subordinado. "Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto; ela é o Outro." (Beauvoir, 1970, p. 13). Para a autora, isso cria uma imanência das mulheres e uma transcendência dos homens - estes são os seres que fazem sua história e o mundo. De acordo com essa crítica básica, o feminismo cresce e prolifera. *Problemas de Gênero: O Feminismo e a Subversão da Identidade* de Judith Butler analisa mais a fundo a naturalização do sexo e do gênero ao criticar descriptores de identidade e a performatividade de gênero. O gênero é, afirma Butler (2003, p. 25), uma "construção performativa" – é alcançado através de 'uma repetição estilizada de atos' que gradualmente estabelecem a aparência de um gênero aparentemente essencial.

Para Butler (2003), o conceito de mulher em si é uma ideia produzida cultural e politicamente, não uma natural, universal e imutável. "Mulher" não deve ser entendida como um termo descritivo, uma posição referencial, mas sim como aquilo que o domínio normativo da 'identidade' e a produção de identidades constituem por meio da exclusão. Esta perspectiva pós-estruturalista traz implicações para as bases do feminismo de igualdade e, assim, o terreno para o feminismo queer e a consideração da interseção de gênero, sexualidade, raça e classe.

Heleith I. B. Saffioti (2004), em sua rica produção, enriquece essa perspectiva ao destacar que o patriarcado é estrutural. Em *Gênero, Patriarcado, Violência*, Saffioti (2004) argumenta que o patriarcado é um sistema de poder que se encontra em todos os setores da sociedade, desde a família até o estado, que garante a permanência da submissão feminina. "O sistema patriarcal não é uma mera ideologia, mas é uma estrutura material, bem como ideológica, que se reproduz nas práticas sociais, instituições e divisões de trabalho" (Saffioti, 2004, p. 45). Sua análise, no entanto, também contida em *O Poder do Macho* (Saffioti, 1987), já sugeria a necessidade de considerar como as opressões se entrelaçam para se comportarem de maneira diferente em mulheres distintas de acordo com sua raça, classe, tanto quanto orientação sexual. Assim, a luta das mulheres não vem apenas sobre direitos formais, mas como algo que busca a transformação das relações sociais e culturais. Tithi Bhattacharya, em *Feminismo para os 99%: Um Manifesto*, contribui com uma abordagem materialista e anti capitalista para a discussão.

Segundo Bhattacharya, "não podemos divorciar a opressão de gênero da lógica do capital." (Bhattacharya, 2020, p. 15). O feminismo, para a autora, deve ser um movimento de massa que luta não apenas contra a opressão patriarcal, mas contra as desigualdades econômicas e sociais que oprimem a maioria das mulheres.

A partir desse ponto de vista, o feminismo é uma luta anticapitalista e antirracista pela liberdade de todos os oprimidos. No contexto latino-americano, Lélia Gonzalez (1988), em *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*, lançou uma forte crítica ao feminismo hegemônico, eurocêntrico e branco (do ponto de vista das mulheres negras e indígenas). Gonzalez (1988) introduz o termo "americanness" para transmitir as maneiras pelas quais raça, gênero e classe estão profundamente embutidos na estrutura das Américas, e destaca que "racismo e sexism são duas faces da mesma moeda." (Gonzalez, 1988, p. 15). Seu trabalho é leitura essencial

para compreender a necessidade de um feminismo verdadeiramente inclusivo e que reconheça múltiplas opressões.

Esse senso de urgência é ecoado por Veronica Reis que, em *O que é Feminismo Negro: Conceitos básicos* (2018), enfatiza o papel necessário desempenhado pelas experiências das mulheres negras na formação da teoria e prática feminista de maneira geral. Benedicta da Silva, em seu testemunho (Silva, 1992), oferece uma perspectiva em relação ao que podemos chamar de feminismo negro vivido e uma luta política das mulheres que mantém de perto a consideração sobre representação e a auto-voz ao afirmar "tive que aprender a ser mulher negra, a me colocar como tal, a assumir essa condição e fazer dela a minha luta" (Silva, 1992, p. 76). A discussão brasileira sobre o feminino também inclui a contribuição de Heloísa Buarque de Hollanda, que, em *Impressões de Viagem: O Feminino e o Masculino na Cultura Brasileira* (1994), investiga a produção cultural de gênero no país para demonstrar como, em um ambiente socialmente construído, o feminino e o masculino são policiados e como tal construção tem repercussões nas relações de poder.

Da mesma forma, Maria Amélia Matos Alves, em *Mulher e Política no Brasil* (1980), fornece uma análise histórica da participação feminina na esfera política sob a ótica dos obstáculos e conquistas que contribuíram para o cenário atual. María Luisa de Quadros de Moraes, em *Feminismo em São Paulo na década de 1970*, oferece uma análise aprofundada de um momento decisivo de mobilização coletiva do feminismo brasileiro, destacando as particularidades e os desafios enfrentados pelo movimento durante o regime militar.

1.2. TRABALHO DAS MULHERES E REPRODUÇÃO DA SOCIEDADE

O conceito de reprodução social é crucial para entender o papel invisível das mulheres como sustentadoras da sociedade e da ordem capitalista. O trabalho produtivo, ou trabalho que é pago no mercado, tradicionalmente foi valorizado e reconhecido; enquanto o trabalho reprodutivo, o trabalho de manter o lar, criar os filhos, cuidar dos idosos e doentes e desempenhar aquelas funções que são necessárias à continuidade da vida humana e da força de trabalho, é subvalorizado e muitas vezes invisível.

Tithi Bhattacharya (2020), escreve em *Feminismo para os 99%* que "o trabalho de reprodução social é a infraestrutura não apreciada e principal do capitalismo"

(Bhattacharya, 2020, p. 67). O trabalho não remunerado por meio do qual essa redistribuição é mais efetivamente feito é realizado pelas mulheres, que trabalham em casa para que os homens (e algumas mulheres) possam trabalhar fora dela.

Essa divisão sexual do trabalho, entre o espaço privado das mulheres de reprodução e o espaço público dos homens de produção, tem extensas origens históricas e sociais. Essa divisão já havia sido destacada por Simone de Beauvoir: "O mundo não está dividido em entidades independentes e igualmente valiosas; a fêmea é essencial com referência ao macho, mas o macho não é essencial com referência à fêmea... o mundo pertence ao macho e para o macho" (Beauvoir, 1970, p. 129). O espaço de potencial de uma mulher ao ser mantida sob prisão domiciliar é limitado e sua agência é cerceada, em grande medida, ela se torna um "meio", um instrumento para a reprodução da espécie e da força de trabalho, em vez de ser um "fim" em si mesma.

Essa perspectiva também é apoiada por Saffioti (2004) sobre a interseção entre patriarcado e reprodução social. Segundo a autora, a família, que, para a autora, é o núcleo do discurso de introdução do patriarcado, acaba sendo o espaço privilegiado para reproduzir relações de gênero. "O patriarcado familiar é o local natural da produção de subjetividades alienadas, onde as mulheres aprendem a se situar no sistema hierárquico de gênero" (Saffioti, 2004, p. 78).

A socialização de gênero, que acontece principalmente em casa, socializa meninas e meninos em papéis e expectativas distintas, garantindo uma reprodução social diferenciada. Ana Alice Alcântara Costa, em *Gênero e Relações Sociais* (2000), prossegue essa discussão ao examinar como as relações de gênero são construídas e perpetuadas na vida cotidiana, especialmente na esfera doméstica, com papéis 'naturalizados' remodelados. É esse trabalho reprodutivo, que é essencial mas tão frequentemente subvalorizado e não reconhecido, econômica e socialmente. Essa invisibilidade se soma à precarização da vida das mulheres e à perpetuação de sua subordinação.

Bhattacharya (2020) é uma das forças motrizes da atual luta feminista. Quando o cuidado não é mais possível, devido a restrições de tempo, falta de recursos ou apoio estatal, as vidas e o bem-estar das mulheres são negativamente afetados, causando mais pobreza, sobrecarga e exaustão. As demandas por creches públicas, benefícios de maternidade e paternidade equivalentes e a valorização social do trabalho reprodutivo são algumas das maneiras pelas quais as feministas buscaram

desprivatizar e socializar a reprodução social como o eixo das relações sociais, ao invés de preocupações privadas de mulheres particulares.

A relevância de políticas públicas para mulheres é tratada por Elizabete Menicucci De Oliveira (2007) em *Políticas para Mulheres no Brasil: de Vargas a Lula*, que analisa as ações do estado em relação às mulheres ao longo da história brasileira, mostrando seus avanços e limites rumo à igualdade de gêneros.

1.3. OBJETIFICAÇÃO SEXUAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A objetificação sexual é o ato de tratar alguém meramente como um objeto de desejo sexual, como um objeto usado para os propósitos sexuais de outro. Essa premissa é um dos pilares simétricos da violência de gênero tendenciosa, do ódio às mulheres e tem sido teorizada de diferentes maneiras por alguns autores.

Segundo Simone de Beauvoir "Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade." (BEAUVOIR, 1980, p. 19). A autora desvenda uma das raízes psicológicas do machismo: a fragilidade da masculinidade. Beauvoir sugere que a insegurança do homem em relação à sua própria virilidade pode se manifestar em comportamentos externalizados de dominação e desvalorização da mulher. Não se trata de uma força inata, mas de uma compensação para uma insegurança interna, onde a suposta "fraqueza" feminina é usada como espelho para reafirmar uma masculinidade que o indivíduo sente estar em xeque. Essa dinâmica é crucial para entender como a opressão de gênero se perpetua.

Como Simone de Beauvoir observou, "Ela é definida e diferenciada em relação ao homem, e não ele em relação a ela; ela é o inessencial em face do essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro." (BEAUVOIR, 2016, p. 16) Beauvoir destaca como, historicamente, a mulher foi definida em oposição ao homem, sendo vista como o "Outro", ou seja, como alguém sem identidade própria, existindo apenas em função do masculino.

Essa ideia é subvertida na saga *Corte de Espinhos e Rosas*, onde a protagonista Feyre rompe com esse papel tradicional e assume uma posição de sujeito ativo, tomando decisões, liderando conflitos e definindo sua própria trajetória. Ao ocupar esse espaço de protagonismo, a personagem desafia a lógica de subordinação apontada por Beauvoir e representa um novo modelo de representação feminina na

literatura fantástica, em que a mulher não é mais o "inessencial", mas sim o centro da narrativa.

Segundo Heleieth Saffioti em *O Poder do Macho*:

À mulher impõe-se a necessidade de inibir toda e qualquer tendência agressiva, pois deve ser dócil, cordata, passiva. Caso ela seja esse tipo mulher despachada, deve disfarçar esta qualidade, porquanto esta característica só é considerada positiva quando presente no homem. Mulher despachada corre o risco de ser tomada como mulher-macho. (Saffioti, 1983, p. 37)

Elá revela como as construções sociais de gênero impõem às mulheres um ideal de comportamento marcado pela docilidade, passividade e submissão. A autora argumenta que características como assertividade, firmeza e autonomia normalmente valorizadas nos homens são desqualificadas ou mal vistos quando expressas por mulheres. Quando uma mulher apresenta tais traços, corre o risco de ser rotulada de forma depreciativa, como "mulher-macho", um estigma que funciona como mecanismo de controle social, forçando-a a disfarçar ou reprimir sua própria personalidade. Essa lógica está profundamente relacionada com a violência de gênero, pois ajuda a sustentar um sistema em que o controle sobre o comportamento feminino é naturalizado. Ao exigir que a mulher seja passiva e tolerante, a sociedade acaba por minimizar ou até justificar atos de violência cometidos contra ela, especialmente dentro de relacionamentos afetivos.

Mulheres que denunciam, resistem ou enfrentam seus agressores muitas vezes são desacreditadas ou culpabilizadas, pois rompem com o estereótipo da mulher submissa. Esse padrão normativo cria um terreno fértil para a violência simbólica e física, já que a transgressão dos papéis de gênero é frequentemente punida com agressões, exclusão ou repressão.

Poderíamos argumentar com Rita Laura Segato (2020) que a violência contra as mulheres não é um fenômeno único, mas uma expressão de uma "pedagogia da残酷", existente em sociedades patriarcais, envolvendo múltiplas formas de violência subjetiva e materialmente eficazes para servir às estruturas de poder patriarcais.

Segato (2020) demonstra a maneira como os corpos das mulheres são transformados em locais disputados de punição, com violências que operam para manter uma hierarquia de poder e regular a autonomia feminina. "Enquanto emprega o poder assustador de uma luta desigual, em primeiro lugar exercita-se o poder

discursivo, com base no posicionamento hierárquico, de exercer punição" (Connell, 2017, p. 134).

1.4 EXAMINANDO O PODER

Segundo Segato em *A Guerra Contra as Mulheres* (2020), a violência contra as mulheres funciona como uma forma de imposição de poder, voltada para controlar e moldar o corpo feminino de acordo com as normas e expectativas da dominação masculina. A autora destaca que a violência contra as mulheres funciona como um mecanismo de controle social, onde o corpo feminino é submetido à regras e punições que visam mantê-lo dentro dos padrões impostos pela dominação masculina. Essa violência não é apenas física, mas simbólica e disciplinar, pois serve para reforçar estruturas de poder que limitam a autonomia e liberdade das mulheres, perpetuando desigualdades e desigualdades de gênero na sociedade. Esta pedagogia da crueldade está inextricavelmente entrelaçada com discursos, imagens e práticas que reduzem as mulheres a coisas e as desumanizam de maneiras que tornam a violência contra elas socialmente normal ou até mesmo invisível.

Em *Crítica da Colonialidade em Oito Ensaios e uma Antropologia por Demanda* (Segato, 2021), a autora também liga a colonialidade do poder à violência de gênero, ao apresentar como as estruturas de dominação histórica estavam presentes na forma como as mulheres estavam sendo tratadas e objetificadas.

Maria Rita Kehl oferece uma compreensão psicanalítica de como a subjetividade é constituída em uma sociedade de violência e ausências, que pode estar indiretamente ligada à exploração da psique feminina, mesmo que ela não aborde diretamente a objetificação sexual em *O tempo e o cão: A atualidade das depressões* (2009). Ao analisar a melancolia como uma resposta psíquica à perda e à desfiliação em um contexto social de precarização dos laços e ausência de narrativas coletivas, embora não diretamente sobre a objetificação sexual, oferece um arcabouço para entender como a própria constituição do sujeito, fragilizada por essas condições, pode tornar a psique feminina mais vulnerável às diversas formas de violência e desumanização, incluindo a sexual. A invisibilidade de certas formas de sofrimento e a dificuldade de simbolizar perdas ressoam com a maneira como a violência de gênero é frequentemente silenciada ou minimizada, contribuindo para a manutenção de um ciclo de retificação e anulação da subjetividade.

A mídia de massa e a cultura popular também são responsáveis pela continuação da objetificação sexual. Rodrigues (2006), em *O mito da beleza e outras armadilhas*, critica a imposição de cânones fictícios de beleza feminina e a manipulação dos corpos das mulheres e da autoestima. Uma busca sustentada por um ideal impossível de beleza, frequentemente relacionado à juventude e magreza, leva à insatisfação corporal e objetificação do corpo feminino. "A cultura da beleza é uma prisão para as mulheres, uma armadilha em que as mulheres devem ir em busca do que é perfeito, perdendo-se no processo, perdendo o que há de mais profundo nelas e prejudicando sua saúde" (Rodrigues, 2006, p. 87).

Beatriz Bentes (2006), em *Cultura digital, identidades e memória*, ao tratar da cultura digital, nos dá elementos para pensar sobre a construção das identidades femininas e a objetificação delas por meio do virtual, cujas implicações foram consideravelmente reforçadas após a publicação de seu artigo.

A objetificação sexual, portanto, não é apenas uma questão de representação, mas tem efeitos materiais reais sobre a vida das mulheres na violência sexual, assédio, exploração e desvalorização do trabalho e habilidades que as mulheres experimentam. Combater a objetificação significa desafiar os papéis de gênero tradicionais, celebrar a variedade dos corpos femininos, resistir à privatização e ao uso indevido das mulheres e reivindicar um sentido de autonomia e subjetividade.

1.5 PROTAGONISMO FEMININO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A partir do conceito de feminismo, reprodução social e objetificação sexual, podemos ver a necessidade de um protagonismo feminino a ser analisado não como algo de visibilidade, mas como um agenciamento, subversão. Protagonismo feminino, em suas múltiplas expressões, representa a recusa em aceitar o lugar de 'Outro' e a ruptura com a imanência imposta, uma transgressão que visa à transcendência. Como um domínio representacional e reflexivo, a literatura pode ser um domínio privilegiado para a materialização desse protagonismo. Ao criar personagens femininas complicadas que minam estereótipos e transformam o mundo em que vivem, a literatura ajuda as mulheres a redefinirem o que significa ser mulher.

Regina Dalcastagnè (2008) *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* investiga como o gênero tem sido representado na literatura, bem como o

surgimento de novas vozes femininas que desafiam o discurso dominante tradicional. A autora mostra como a literatura pode atuar como um local de contestação e como um espaço para o engendramento de novas subjetividades femininas. O protagonismo coletivo, como o mostrado pelos movimentos feministas, é o que produz as transformações mais profundas. Milena D'Ávila (2019) *Por que lutamos?: uma história das lutas feministas no Brasil*, a autora enfatiza como a ação coletiva das mulheres tem sido crítica para a conquista de direitos e a visibilidade das questões de gênero.

Essa luta também aparece no discurso sobre gênero e sexualidade na escola, uma questão abordada por Célia da Costa Leite em *Gênero e sexualidade na escola*, apontando a relevância da educação na formação em assuntos críticos e na luta contra as desigualdades de gênero desde cedo. Fazer pressão por paz na educação para homens quebra esse silêncio e representa um desafio para a construção de um novo sujeito político, um sujeito refundado, democrático, sustentável e não violento.

É essencial que compreendamos como essas diferentes formas se unem e se entrelaçam se quisermos desenvolver estratégias de resistência e transformação. Protagonismo feminino, em todas as suas formas, é o caminho para a construção de um futuro mais justo em que as mulheres possam ser sujeitos de suas vidas sem a prisão da submissão e da violência.

A cibercultura, em si, como abordado por André Lemos (2007) na obra *Ciber-Cultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, e fenômenos contemporâneos como a polarização do pensamento político, analisado por Esther Solano (2019) na obra seminal *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil* são espaços propensos tanto à reprodução de discursos de ódio e objetificação, quanto à construção e reforço do protagonismo feminino, dependendo, por sua vez, da apropriação e agenciamento de ação das mulheres nesses ambientes.

Os livros de Sarah J. Maas, evidentemente, sendo alta fantasia, são uma rica fonte para o exame do protagonismo feminino. A heroína, Feyre, na saga *Corte de Espinhos e Rosas* (Maas, 2015), é uma força a ser reconhecida que vai de vítima indefesa a autora de sua própria narrativa. Em *Corte de Névoa e Fúria* (2016), "Feyre rejeita o papel de peão nos jogos dos outros" (Maas, 2016, p. 320), um desejo que corresponde a uma inclinação comum das mulheres contemporâneas de rejeitar papéis e imposições sociais codependentes.

É possível que meninas que enfrentam desafios diante de construções tradicionais como a do guerreiro' encontrem respaldo e empoderamento ao se

depararem com representações femininas que exercem poder, fazem escolhas autônomas e ocupam posições de liderança, mesmo no meio de um mundo fantástico, como demonstrado em *Corte de Asas e Ruína* (Maas, 2017), "Corte de Gelo e Estrelas" (Maas, 2019) e "Corte de Chamas Prateadas" (Maas, 2021).

É importante destacar, no entanto, que o protagonismo feminino não é apenas um protagonismo individual. Está intrinsecamente ligado à mudança nas relações sociais e ao desmantelamento de sistemas patriarcas.

CAPÍTULO 2: CONHECENDO A AUTORA E O UNIVERSO DE CORTE DE ESPINHOS E ROSAS

Este capítulo mergulha no universo da aclamada autora Sarah J. Maas e na riqueza de sua obra mais famosa, *Corte de Espinhos e Rosas*. Começaremos com uma visão sobre a vida e a carreira de Sarah J. Maas, explorando sua trajetória desde a infância até se tornar um fenômeno literário global.

Em seguida, desvendaremos os elementos que compõem o vasto universo de Prythian, desde suas fascinantes Cortes Feéricas, cada uma com suas particularidades geográficas, culturais e políticas, até a complexidade da magia que permeia esse mundo. Apresentaremos os personagens centrais que impulsionam a narrativa, detalhando suas jornadas, alianças e rivalidades.

Aprofundaremos também o papel fundamental do romance e das relações amorosas na saga, analisando como esses laços moldam os personagens e a trama. Por fim, exploraremos a dimensão de política, guerras e conflitos que dão profundidade e intensidade ao universo de Maas, revelando como as tensões e batalhas moldam o destino de Prythian e seus habitantes.

2.1 QUEM É SARAH J. MAAS?

Sarah Janet Maas é uma escritora norte-americana que se tornou uma das mais influentes e populares da literatura jovem-adulta da atualidade desde o lançamento dessa saga, alcançando até mesmo o patamar de best seller, com milhões de cópias vendidas pelo mundo todo, de acordo com a revista *Vulture*, a Saga não só se tornou um sucesso estrondoso, mas também solidificou o status da autora como uma das mais proeminentes em seu gênero. A Saga *Corte de Espinhos e Rosas* de Sarah J. Maas se tornou um fenômeno da internet, catapultando a autora ao status de best-seller e solidificando seu lugar como uma das vozes mais proeminentes na ficção jovem-adulta e no 'romantasy' moderno" (*Vulture*, 2022). Maas, nasceu em Nova York, no dia 5 de março de 1986, Sua trajetória revela uma paixão pela literatura cultivada desde a infância. Desde jovem, Maas demonstrava um profundo fascínio por histórias de fantasia e mitologia, o que a inspirou, de forma natural, a criar universos próprios.

Maas se formou em escrita criativa na Universidade de Hamilton, em Nova York, o que a ajudou a moldar sua habilidade de construir mundos fantásticos e narrativas envolventes. A estreia de Maas na literatura foi com a Saga *Trono de Vidro* (2012), mas foi com *Corte de Espinhos e Rosas* que fez dela uma grande referência nesse gênero literário.

Essa saga de livros foi o grande marco da sua carreira, superando até mesmo seu primeiro lançamento (*Trono de Vidro*, 2012) e a levando ao sucesso global. Maas escreveu o primeiro livro da Saga em 2009, após sua agente literária sair de licença maternidade, como sua agente não enviou o manuscrito de *Trono de Vidro* para as editoras, desempregada, Maas resolveu começar a escrever a Saga que alavancaria sua carreira. Ela obteve a ideia para a Saga depois de escutar a trilha sonora do filme Princesa Mononoke, intitulada "The Demon God". Sarah também buscou inspiração no conto de fadas A Bela e a Fera.

Outro ponto importante é a visão de Maas sobre as mulheres em suas histórias. Maas criou protagonistas femininas mais complexas, que mostrassem crescimento emocional e psicológico ao invés de apenas força física ao decorrer da trama.

2.2 INTRODUÇÃO AO UNIVERSO DE SARAH J.MAAS

A saga *Corte de Espinhos e Rosas* tornou-se um fenômeno literário global, envolvendo milhões de leitores com sua cativante mistura de fantasia, romance e aventura. Escrita pela aclamada autora americana Sarah J. Maas, a saga ascendeu rapidamente ao pódio da literatura de fantasia romântica, alcançando listas de mais vendidos e alimentando uma comunidade fervorosa de fãs. O sucesso da saga consiste em criar uma narrativa densa e cativante, cheia de personagens interessantes, reviravoltas na trama e um universo texturizado. A saga leva o nome do primeiro livro, que coloca o mundo à beira da guerra. A história se centra em Feyre Archeron, uma jovem humana encarregada de sustentar sua família caçando nas traiçoeiras florestas que fazem fronteira com a parede para o reino das fadas, conhecido como Prythian. Em uma luta pela sobrevivência, Feyre mata um lobo que, para seu choque e horror, era, na verdade, uma fada (Feérico). Como repercussão por esse crime, um poderoso e misterioso Grão-Feérico chamado Tamlin captura

Feyre e a leva para residir em sua corte gloriosa em um reino encantado além da parede.

A configuração dual é um dos pilares da saga. De um lado, encontramos o mundo dos homens, cheio de mortalidade, da luta implacável pela existência e do medo primitivo do povo feérico. Do outro lado, Prythian é uma terra de beleza sobrenatural, traição política e magia poderosa. Essa parede imponente entre dois mundos é tanto um perímetro quanto uma armadilha mutável, e seus vigias do tipo feérico evoluem também. Essa tensão latente permeia a narrativa desde o início, estabelecendo uma cena rica em antecipação e temor. Sua coexistência forçada em Prythian, primeiro como prisioneira e depois como convidada, é o ponto de entrada do leitor para aprender os segredos deste universo interessante, onde a linha entre o perigo e a sedução é confusa, e nada é o que parece.

O mundo de *Corte de Espinhos e Rosas* está profundamente ligado à existência e ao tipo de fadas, criaturas mágicas que povoam a terra de Prythian. As representações das fadas incluem seres de feitos físicos e mágicos grandiosos que vivem por centenas de anos e são diferentes dos humanos por fisiologia e capacidades mágicas. Sua sociedade é liderada pelos Grão-Feéricos, criaturas poderosas que controlam as várias cortes de Prythian. Abaixo deles estão os Menores Feéricos, que têm níveis variados de poder e habilidades mágicas, e compõem a maioria da população feérica. Uma categoria interessante é a dos mortais tocados pela magia, humanos que, por algum motivo, desenvolvem habilidades mágicas e podem ser assimilados até certo ponto na sociedade feérica.

A rica trama da mitologia feérica presente em *Corte de Espinhos e Rosas* vem diretamente de fontes da mitologia celta e folclore europeu. Coisas como pactos mágicos, medo de ferro, freixo e sal, a beleza efêmera e muitas vezes mortal das fadas, e os tipos similares de criaturas mágicas que surgem em vários mitos ressoam familiarmente com histórias e tradições antigas.

A divisão em cortes, cada uma com suas próprias peculiaridades e governantes, remete a contos de antigos reinos feéricos com suas leis e costumes únicos. Assim, seu sabor mitológico dá profundidade e familiaridade ao universo de Maas, ao mesmo tempo que permite a Maas reinventá-lo com sua própria visão única. Compreender a natureza da magia é muito importante na escrita de um mundo de fantasia, especialmente um onde fadas estão presentes. Ela apresenta uma variedade de habilidades, que vão desde os elementos básicos (controle sobre água, fogo, terra,

ar), até habilidades mais específicas, como cura, ilusão, telepatia e manipulação de sombras.

Os Grão-Feéricos são os mais afluentes e possuem as habilidades mais poderosas e vastas entre os seres que detêm magia. A magia também está ligada a laços e juramentos, que é um tema importante nas fadas, com consequências terríveis para os feéricos que quebram suas promessas. Saber como a magia funciona, quais são suas limitações e como reflete nos conflitos e lutas de poder dentro de Prythian é fundamental para compreender as dinâmicas entre os personagens e o que impulsiona suas alianças e rivalidades enquanto moldam o destino de seu mundo.

2.3 CORTES FEÉRICAS

Prythian é um vasto e antigo continente dividido em sete cortes feéricas únicas, cada uma com identidade, história e propósito próprios. Essas cortes: Primaveril, Estival, Outonal, Invernal, Diurna, Crepuscular e Noturna, são governadas por Grão-Senhores, figuras de imenso poder mágico e político, que moldam e refletem as características fundamentais de suas respectivas regiões. A divisão entre as cortes não se dá apenas de forma geográfica e climática, mas também espiritual, cultural e simbólica. Cada corte possui uma paisagem distinta, influenciada diretamente pela essência mágica que a rege: florestas eternamente floridas, mares dourados sob sóis imortais, montanhas geladas cobertas por neves encantadas ou céus estrelados que nunca conheceram o amanhecer.

Mais do que simples divisões territoriais, as cortes representam os aspectos variados do mundo feérico, seus humores, sua energia e os muitos caminhos da magia que nele fluem. A cultura dentro de cada corte é moldada tanto pelas condições naturais quanto pela visão e personalidade de seu Grão-Senhor, que dita tradições, costumes sociais e relações políticas com as demais cortes. Há cortes voltadas para a celebração da vida e da abundância, como a Corte da Primaveril, enquanto outras abraçam a introspecção, o mistério e o poder da escuridão, como a Corte Noturna. A política entre essas cortes pode variar desde alianças diplomáticas e trocas festivas até rivalidades antigas e guerras sangrentas, dependendo do equilíbrio de poder e dos conflitos entre os seus líderes.

Essas divisões também têm um profundo significado simbólico. Cada corte é quase como um reflexo vivo de um estado de espírito, de uma estação da alma, representando desde a renovação e o crescimento até a decadência e o renascimento. Os Grão-Senhores, por sua vez, não são apenas governantes: são encarnações dos princípios que sustentam suas cortes. Seus poderes, comportamentos e até suas decisões mais pessoais influenciam diretamente o clima mágico de seus territórios, o humor de suas gentes e o destino da terra que governam.

Prythian, portanto, não é apenas uma terra separada em regiões distintas, mas um organismo vivo onde a magia, a política e as emoções estão intrinsecamente entrelaçadas. Cada corte é um mundo em si, com suas próprias regras e histórias, coexistindo em um delicado equilíbrio que pode ser tanto harmonioso quanto explosivamente instável, dependendo das forças que o moldam.

2.3.1 Corte Primaveril

A Corte Primaveril é o ápice da estética e da beleza ininterrupta, um paraíso visível e palpável de abundância natural e luxo. O clima aqui é perpetuamente ameno e ensolarado, com uma brisa suave e fragrante. Seus extensos jardins são meticulosamente cuidados, ostentando flores de todas as cores imagináveis que desabrocham sem cessar, formando tapeçarias naturais e labirintos perfumados. As árvores frutíferas estão sempre carregadas, e a vida selvagem é abundante e dócil. Os palácios da Primavera são grandiosos e ornamentados, com arquitetura que incorpora motivos florais e orgânicos, usando materiais como mármore polido, bronze e ouro. Os salões são projetados para o entretenimento, com espaços para danças, banquetes e performances artísticas.

A cultura da Primaveril é profundamente enraizada nas artes visuais, performáticas e musicais. Artistas renomados, músicos virtuosos e poetas talentosos são não apenas apreciados, mas incentivados e sustentados pela Corte. A moda é sinônimo de leveza e fluidez, com tecidos finos como seda e linho, adornados com bordados de flores e gemas, em tons pastéis e vibrantes que mimetizam a natureza. Há uma ênfase na aparência e na graciosidade, tanto em seus membros quanto em seu ambiente. A hospitalidade é uma virtude altamente valorizada, e os festivais são frequentes, glorificando a beleza e a prosperidade. No entanto, por trás dessa fachada de perfeição, a Primaveril esconde uma profunda fragilidade e vulnerabilidade.

A aparente harmonia pode ser facilmente perturbada, e seus habitantes, embora belos, podem ser vistos como alheios às realidades mais duras do mundo, ou até mesmo ingênuos. Essa superficialidade, em certas ocasiões, pode mascarar a falta de profundidade e a repressão de verdades incômodas. A Corte é conhecida por sua tendência a se isolar de conflitos externos, priorizando sua própria paz e prazer acima de tudo.

2.3.2 Corte Estival

A Corte Estival é um reino de calor implacável e vida selvagem exuberante, onde o verão domina com uma força inigualável. O sol é intenso e quase constante, as paisagens são marcadas por vegetação densa, florestas tropicais, rios volumosos e vastas planícies áridas, o clima dita um estilo de vida mais robusto e ativo. A arquitetura é adaptada ao calor, com estruturas abertas, pátios sombrios e fontes de água abundantes, muitas vezes construídas com pedras claras que refletem o sol. As moradias são projetadas para serem frescas e ventiladas, e as comunidades tendem a ser mais dispersas, com vilas e clãs espalhados pela vasta extensão da Corte.

A cultura da Estival é moldada por uma energia ardente e uma inclinação à impulsividade. Seus habitantes são conhecidos por sua franqueza e paixão, expressando suas emoções abertamente e sem rodeios. A bravura e a força física são altamente valorizadas, e a vida é frequentemente orientada para a ação e a aventura. Caçadas, competições de combate e provas de resistência são comuns, celebrando a vitalidade e a proeza física. A música é ritmada e pulsante, muitas vezes acompanhada por danças energéticas. A lealdade é feroz e tribal, com um forte senso de dever para com o seu clã e a sua família.

Embora possam parecer diretos ou até agressivos, a lealdade deles é inquebrável para com aqueles que consideram seus. As relações são muitas vezes forjadas através de testes de força e confiança. A Corte Estival é uma força direta e imponente, que valoriza a ação e a execução, e raramente se esquiva de um desafio. A abundância de recursos naturais contribui para uma mentalidade de prosperidade e autossuficiência.

2.3.3 Corte do Outonal

A Corte Outonal é um reino de beleza melancólica e sabedoria ponderada, onde a natureza exibe uma paleta de cores rica e efêmera. As paisagens são dominadas por vastas florestas de árvores de folhas sazonais, que emanam tons de ouro, bronze, escarlate e roxo intenso. A atmosfera é mais calma e reflexiva, com um ar fresco e o farfalhar constante das folhas ao vento. A arquitetura da Corte Outonal é sólida, imponente e construída para durar, muitas vezes com fortificações de pedra escura e design sóbrio. Os castelos e cidades são integrados à paisagem natural, com construções que parecem surgir das próprias rochas e árvores.

A cultura Outonal é marcada por uma profunda inteligência e uma inclinação para a estratégia e o planejamento a longo prazo. Seus habitantes são frequentemente descritos como reservados, observadores e com uma mente afiada para a política e a diplomacia. As bibliotecas são extensas e veneradas, guardando séculos de história, filosofia e conhecimento estratégico.

A Corte Outonal valoriza a discussão intelectual, o debate ponderado e a aquisição de sabedoria. As celebrações são mais sóbrias e introspectivas do que em outras Cortes, focadas na gratidão pela colheita e na reflexão sobre os ciclos da vida e da morte. Embora não sejam dados a demonstrações ostensivas de poder, a influência da Corte Outonal é profunda e discreta, muitas vezes atuando nos bastidores. Eles são mestres em negociação e em prever as consequências futuras de suas ações, buscando o equilíbrio e a manutenção da ordem através de meios mais sutis. A paciência é uma virtude essencial, e eles são conhecidos por sua capacidade de esperar o momento certo para agir.

2.3.4 Corte Invernal

A Corte Invernal é uma terra de beleza austera e severa, onde o frio, o gelo e a neve dominam perpetuamente. As paisagens são deslumbrantes, com montanhas imponentes cobertas de neve eterna, glaciares azuis profundos, lagos congelados e

florestas de pinheiros que resistem às nevadas mais brutais. O clima implacável forja uma sociedade de indivíduos resilientes e autossuficientes.

A arquitetura é construída para a defesa e a funcionalidade, com cidades escavadas na rocha, fortalezas robustas e edifícios de pedra escura que oferecem abrigo contra o vento e o gelo. As moradias são projetadas para reter o calor, muitas vezes com lareiras maciças e peles grossas para isolamento. A cultura da Corte Invernal é centrada na disciplina, honra e resistência. Os habitantes são treinados desde jovens para suportar adversidades extremas e para dominar habilidades de sobrevivência. A força física e mental é altamente valorizada. As emoções são geralmente contidas e discretas, com demonstrações abertas de afeto sendo raras, mas quando expressas, são profundas e duradouras. A lealdade para com a Corte e o Grão-Senhor é inabalável, e o senso de dever é primordial. Os guerreiros da Corte Invernal são lendários por sua perseverança e suas habilidades em combate, especialmente em seu próprio terreno. As celebrações tendem a ser mais rituais e solenes, focadas na camaradagem e na celebração da superação das dificuldades.

Politicamente, a Corte Invernal tende a ser isolacionista e desconfiada das outras Cortes, preferindo manter-se à margem e proteger seus próprios interesses com uma ferocidade quase silenciosa. Essa frieza aparente em seus relacionamentos é uma armadura forjada pela necessidade de sobrevivência em um ambiente tão hostil.

2.3.5 Corte Diurna

A Corte Diurna é um farol de iluminação e conhecimento, onde a luz do sol é constante e a escuridão é quase inexistente. Suas cidades são maravilhas de engenharia e planejamento, com avenidas amplas, praças iluminadas e edifícios imponentes construídos de mármore branco e outras pedras claras que refletem a luz. As bibliotecas são gigantescas, abrigando coleções de obras e pergaminhos que cobrem séculos de história, leis, filosofia e ciência. É um lugar onde o intelecto é supremo, e a busca incessante por sabedoria e clareza é a força impulsionadora. A cultura da Corte Diurna é altamente acadêmica e estruturada. Os habitantes são frequentemente descritos como eruditos, metódicos e com uma mente analítica e lógica.

A ordem e a tradição são reverenciadas, e a vida é regida por um sistema complexo de leis e protocolos. Debates filosóficos, discussões sobre ética e a compilação de tratados são atividades comuns e valorizadas. As celebrações são mais formais e intelectuais, muitas vezes envolvendo palestras, recitais de oratória e a apresentação de novas descobertas. A Corte Diurna atua como o guardião das leis e dos tratados de Prythian, sendo frequentemente consultada em disputas e questões complexas. Sua força reside em sua pretensa imparcialidade, seu vasto conhecimento e sua capacidade de argumentação lógica.

Embora possam parecer distantes ou excessivamente racionais, a paixão da Corte Diurna reside na clareza do pensamento e na busca da verdade através do intelecto. A precisão e a perfeição são ideais que permeiam todos os aspectos da vida nesta Corte.

2.3.6 Corte Crepuscular

Mergulhada em um eterno crepúsculo, a Corte Crepuscular é um reino de mistério etéreo e sombras dançantes, onde a luz do dia e a escuridão da noite se encontram em um abraço constante. As paisagens são mágicas e um tanto oníricas, com florestas antigas envoltas em névoa, lagos que refletem o céu em tons de roxo e laranja, e vales onde a luz é sempre difusa. A fauna da Corte Crepuscular é tão enigmática quanto sua paisagem e cultura. Criaturas etéreas vagam silenciosamente por entre as sombras e a névoa, muitas delas visíveis apenas para aqueles que possuem uma sensibilidade mágica apurada. Corujas de penas prateadas, cervos com galhadas luminescentes e raposas espetrais são comuns, sendo considerados não apenas parte do ecossistema, mas também mensageiros e guardiões dos segredos da Corte.

Há quem diga que algumas dessas criaturas são espíritos antigos, assumindo formas físicas para guiar ou testar os viajantes que ousam adentrar esses domínios. A relação entre os habitantes e os animais é de respeito mútuo e profunda conexão espiritual, muitas vezes selada por rituais silenciosos ou trocas simbólicas. Assim como tudo na Corte Crepuscular, esses seres não se impõem apenas se revelam àqueles que sabem olhar além da superfície. A atmosfera é de silêncio e contemplação, convidando à introspecção e à exploração do que é oculto. A

arquitetura é mais sutil e integrada à natureza, com estruturas que parecem surgir organicamente do ambiente, muitas vezes adornadas com motivos lunares e estelares.

A cultura da Corte Crepuscular é focada na intuição, na observação sutil e na compreensão de fenômenos mais etéreos e sobrenaturais. Seus habitantes tendem a ser reservados, enigmáticos e profundamente conectados aos aspectos mais místicos do mundo. Eles podem possuir um conhecimento profundo de magia elemental, visões proféticas e antigas linhagens. As celebrações são mais íntimas e ritualísticas, muitas vezes envolvendo meditação, cerimônias sob a luz da lua e a exploração de sonhos e símbolos. A música é melancólica e etérea, complementando a atmosfera.

Politicamente, a Corte Crepuscular é neutral e tende ao isolacionismo, preferindo observar e, por vezes, influenciar indiretamente do que se envolver em conflitos abertos. Sua força reside em sua capacidade de discernir verdades ocultas, de operar nas entrelinhas do poder e de sua conexão com os reinos invisíveis. A essência da Corte Crepuscular é a aceitação da dualidade, da beleza na escuridão e da sabedoria encontrada na incerteza e no limiar entre os mundos. Eles são guardiões de segredos e sussurros, e sua presença é sentida mais como uma aura de mistério do que como uma força manifesta.

2.3.7 Corte Noturna

A Corte Noturna é um domínio de beleza imponente e poder formidável, que se revela em toda a sua glória sob o manto estrelado da noite. Longe das lendas de perigo e crueldade que a cercavam, ela se mostra um reino de inteligência astuta, lealdade inabalável e um senso de justiça rigoroso. Suas terras são dramaticamente diversas, com montanhas escarpadas que tocam as estrelas, um vale verdejante com águas cristalinas, e cidades escuras que brilham com a luz de milhões de estrelas e lamparinas. O ar é fresco e nítido, muitas vezes com um aroma de pinho e pedra molhada.

A cultura da Corte Noturna é moldada por um forte ideal de liberdade individual e autonomia, combinado com um profundo senso de responsabilidade e proteção para com os oprimidos. Seus habitantes são frequentemente descritos como astutos, perspicazes, carismáticos e ferozmente protetores de seus entes queridos e de sua

Corte. A Corte Noturna é notoriamente conhecida por sua extensa e eficiente rede de informações, que se estende por toda Prythian, tornando-a uma fonte inestimável de inteligência e uma força estratégica poderosa. A lealdade de seus membros uns aos outros é absoluta, e os laços que os unem são mais fortes do que o sangue. As celebrações são noturnas, com música vibrante, danças energéticas e uma atmosfera de companheirismo, ousadia e um senso de comunidade inabalável.

Os membros da Corte Noturna são hábeis em operar nas sombras para alcançar seus objetivos, e sua diplomacia é direta e, por muitas vezes, desafiadora. Sob a liderança de Rhysand, a corte se transformou em um refúgio para aqueles que buscam abrigo e justiça, e seus ideais de proteção e liberdade são defendidos com ferocidade. A beleza da Corte Noturna reside em sua complexidade, sendo ao mesmo tempo sombria e luminosa, perigosa para seus inimigos e inabalavelmente protetora para seus aliados. É um testemunho da força que pode ser encontrada na escuridão e na lealdade incondicional. A diferença entre as Cortes é crítica para as dinâmicas da saga. Os diferentes climas e geografias moldaram culturas e temperamentos diferentes em seus habitantes, moldando sua política e relações Inter-Cortes.

A Corte Primaveril e a Corte Noturna tornam-se particularmente famosas no enredo de abertura da saga. Começamos com Feyre, que eventualmente viria a entender como o mundo feérico funciona fora de sua existência protegida no mundo humano, começando pela Corte Primaveril. Mais tarde, contudo, a Corte Noturna acaba sendo um ponto de junção narrativa fundamental, um núcleo de resistência a ameaças ainda maiores, bem como o lar de personagens centrais para o desenvolvimento da história.

A interação e o conflito entre estas duas Cortes com suas diferentes filosofias e líderes que impulsionam grande parte do enredo e dão à saga temas mais profundos de dominação, liberdade, crueldade e amor em um mundo de crescente perigo.

2.4 INTRODUÇÃO AOS PERSONAGENS

A saga *Corte de Espinhos e Rosas* apresenta um elenco de personagens complexos e densamente construídos, cada um com motivações, traumas e jornadas únicas que os tornam notavelmente reais e humanos. Ao longo da narrativa, esses personagens enfrentam conflitos internos e externos, lidando com dilemas morais,

perdas profundas e a constante necessidade de se reinventarem diante das circunstâncias.

Suas histórias se entrelaçam de maneira complexa, criando uma rede de relações que não apenas impulsionam o enredo, mas também moldam profundamente o mundo ao seu redor. As alianças, traições, amores e sacrifícios desses personagens influenciam diretamente os rumos políticos e mágicos de Prythian, mostrando como o destino de um universo inteiro pode ser guiado pelas escolhas individuais de seus protagonistas. Essa interconexão entre o pessoal e o coletivo é um dos aspectos mais ricos da obra, revelando a habilidade da autora em construir uma fantasia que reflete, de forma simbólica e emocional, as complexidades do mundo real.

2.4.1 Feyre Archeron

Feyre Archeron, a protagonista da saga *Corte de Espinhos e Rosas*, é uma das personagens mais complexas e transformadoras da saga. Desde o início da narrativa, ela é apresentada como uma jovem humana endurecida pelas circunstâncias. Vinda de uma família empobrecida e negligente, Feyre assume ainda muito jovem a responsabilidade de sustentar suas irmãs e o pai incapacitado, forjando-se como uma caçadora prática, pragmática e cética, guiada unicamente pelo instinto de sobrevivência. Sua visão de mundo, nesse primeiro estágio, é limitada e desprovida de ilusões: ela acredita apenas naquilo que pode tocar, caçar e proteger, vivendo em constante estado de alerta e sacrifício. No entanto, ao matar um lobo que mais tarde se revela ser uma fada disfarçada, Feyre é arrancada de sua realidade brutalmente simples e lançada em um universo repleto de magia, política, conflitos ancestrais e seres imortais — O Mundo de Prythian.

Essa transição marca o início de uma jornada profunda de autodescoberta e reconstrução. Inicialmente dominada pelo medo e pela desconfiança, Feyre precisa, pouco a pouco, abrir-se à complexidade de um mundo onde as coisas raramente são o que parecem. No início de sua permanência na Corte Primaveril, sob o domínio de Tamlin, ela experimenta uma forma de segurança e encantamento, mas também se vê envolvida em dinâmicas de poder, controle e silêncio emocional.

Sua transformação física em Alta Fada, após os eventos traumáticos no fim do primeiro livro, simboliza mais do que uma mudança biológica: é o reflexo de uma quebra completa de identidade, onde ela precisa reaprender a viver, a confiar e a se

posicionar em um mundo para o qual não foi preparada, mas ao qual pertence por direito conquistado com dor, inteligência e coragem.

Ao longo dos volumes seguintes, especialmente quando se une à Corte Noturna, liderada por Rhysand, Feyre passa a experimentar uma verdadeira libertação emocional e psicológica. Lá, ela encontra não apenas aliados poderosos, mas também um espaço onde sua voz é ouvida, suas escolhas são respeitadas e sua força é encorajada. Rhysand, diferentemente de Tamlin, oferece a Feyre não proteção, mas parceria, e é a partir desse novo alicerce que ela finalmente floresce.

Seu poder mágico, dividido entre os dons das sete Cortes, é tanto um símbolo de seu lugar multifacetado no novo mundo quanto uma metáfora para sua complexidade interna. Ela não é uma heroína unilateral; Feyre é guerreira, estrategista, artista, amante, irmã e líder, e transita entre essas identidades com crescente maestria.

O cerne da saga é, portanto, o desenvolvimento de Feyre. Sua trajetória é marcada por temas universais como o trauma, a cura, a autonomia, o amor verdadeiro e a descoberta de si mesma. A cada desafio superado, Feyre se transforma não apenas em uma figura política e mágica central no destino de Prythian, mas também em um símbolo da força que pode surgir da vulnerabilidade e da superação. Ela aprende a amar sem se apagar, a lutar sem perder a compaixão, e a liderar sem abrir mão da empatia. Sua interação com o mundo assume novas camadas de significado, e se torna mais reflexiva, à medida que ela comprehende as nuances entre o bem e o mal, o dever e o desejo, a lealdade e a liberdade.

Além disso, a narrativa em primeira pessoa intensifica o vínculo entre Feyre e o leitor, permitindo um mergulho íntimo em seus pensamentos, angústias e esperanças. Essa escolha estilística da autora não apenas reforça a autenticidade da jornada de Feyre, como também permite que sua evolução seja sentida de maneira visceral.

A protagonista não é uma figura idealizada, mas uma mulher com falhas, arrependimentos e impulsos contraditórios, o que a torna profundamente humana, mesmo em meio a um universo fantástico. Em suma, Feyre é o coração pulsante da saga *Corte de Espinhos e Rosas*. Sua evolução não apenas guia o enredo, mas também proporciona ao leitor um espelho emocional poderoso sobre o que significa crescer, amar, perder, recomeçar e, sobretudo, encontrar a si mesmo em meio ao caos.

2.4.2 Tamlin

O Grão-Senhor da Corte Primaveril, é uma figura central no início da saga *Corte de Espinhos e Rosas*, servindo como o primeiro contato de Feyre com o mundo feérico. Inicialmente, ele se apresenta como um protetor poderoso e encantador, uma figura que parece oferecer segurança e afeto em meio ao caos, especialmente após resgatar Feyre da vida miserável que levava entre os humanos.

No entanto, à medida que a narrativa avança, torna-se evidente que essa proteção está enraizada não em respeito mútuo ou amor genuíno, mas em uma necessidade de controle, posse e dominação. Tamlin é um personagem profundamente ambíguo, cuja força e charme inicial ocultam uma personalidade marcada por machismo estrutural, controle emocional e uma agressividade disfarçada de zelo.

Sua relação com Feyre evolui de maneira preocupante: ele a isola, toma decisões por ela, invalida seus sentimentos e recorre ao uso da força, ainda que de forma contida ou justificada pelo enredo para reafirmar seu domínio. Ele é incapaz de aceitar o crescimento e a autonomia de Feyre, especialmente depois dos traumas vividos Sob a Montanha, quando ela se torna uma nova mulher, mais poderosa, assertiva e emocionalmente marcada. Tamlin, ao invés de apoiá-la, tenta confiná-la em sua mansão, usando barreiras mágicas e vigilância constante para mantê-la “segura”, sem considerar que essa segurança era, na verdade, uma nova forma de aprisionamento. Suas atitudes são um reflexo claro da masculinidade tóxica: ele acredita que seu papel como homem e líder é proteger, mesmo que isso signifique controlar, sufocar e anular a mulher que afirma amar.

Esse comportamento revela não apenas sua fragilidade emocional, mas também uma visão distorcida de afeto e poder. Tamlin age como se Feyre fosse uma extensão de sua identidade, e não uma pessoa autônoma. Seu ciúmes constante, suas explosões de fúria, e sua recusa em ouvir ou validar as necessidades dela configuraram um padrão de abuso emocional que se intensifica até o ponto de ruptura.

A agressividade de Tamlin, por vezes justificada como resultado de seu trauma ou de sua posição como Grão-Senhor, não pode ser dissociada de seu machismo: ele representa, de forma simbólica e concreta, o arquétipo do homem que não consegue lidar com mulheres fortes e independentes, e que tenta reprimir-las para mantê-las dentro dos limites de sua própria insegurança.

Seu arco de personagem, portanto, não é apenas uma trajetória de decadência emocional e perda, mas também um estudo profundo sobre o perigo do amor possessivo, a opressão velada sob o pretexto da proteção e os efeitos destrutivos de uma masculinidade que não conhece o equilíbrio. Embora haja momentos posteriores na saga em que ele tenta se redimir e revela lapsos de empatia e compaixão, como quando ajuda Feyre em decisões cruciais mesmo após sua separação, essas ações não apagam o dano causado, mas sim o colocam dentro de um arco de redenção imperfeito, mais realista. Tamlin permanece como um dos personagens mais polêmicos da saga: ao mesmo tempo humano e destrutivo, vítima e algoz, símbolo de um amor que sufoca em vez de libertar.

2.4.3 Rhysand

Rhysand, o Grão-Senhor da temida Corte Noturna, é um dos personagens mais enigmáticos e fascinantes da saga *Corte de Espinhos e Rosas*. Inicialmente apresentado como um antagonista manipulador, de intenções obscuras e moral ambígua, ele surge como uma figura envolta em mistério, cuja presença impõe respeito e inquietação. No entanto, à medida que a trama se desenvolve, as máscaras cuidadosamente construídas por Rhysand começam a cair, revelando camadas de vulnerabilidade, compaixão e um senso de justiça profundamente enraizado. Sua trajetória é marcada por sacrifícios silenciosos, escolhas dolorosas e uma dedicação incansável à proteção de seu povo e daqueles que ama.

O contraste entre sua aparência ameaçadora e suas verdadeiras intenções é uma das construções mais ricas e complexas da obra, desafiando constantemente as expectativas tanto dos personagens quanto dos leitores.

Rhysand, longe de ser apenas um Grão-Senhor sombrio, é também um estrategista brilhante, um líder visionário e um parceiro igualitário que valoriza a liberdade, a autonomia e a força de Feyre, tornando-se essencial para sua jornada de empoderamento. Seu carisma irresistível, muitas vezes entrelaçado com sarcasmo e humor afiado, esconde um passado marcado por dor, perdas e traumas profundos, especialmente em relação ao período em que serviu Sob a Montanha, onde foi forçado a tomar decisões impiedosas para garantir a sobrevivência de sua Corte e de si mesmo.

À medida que os laços entre ele e Feyre se fortalecem, o leitor é convidado a enxergar além da superfície do "vilão" e a compreender a complexidade de um homem que, por trás de uma fachada controlada, abriga uma alma ferida e generosa. Rhysand não apenas se junta à luta contra inimigos poderosos, mas se torna um dos pilares centrais da revolução que busca libertar Prythian da opressão, assumindo seu papel de protagonista com força, dignidade e sensibilidade. Sua lealdade inabalável aos membros de sua Corte, especialmente a seu "irmão encontrado", Cassian, a leal Mor, o silencioso Azriel e a misteriosa Amren, revela a profundidade de seus vínculos emocionais e seu comprometimento com valores como honra, família e lealdade.

Rhysand representa, portanto, uma das figuras mais complexas e amadas da saga, um personagem que subverte os arquétipos tradicionais da fantasia para apresentar um modelo de masculinidade poderosa, mas também sensível, respeitosa e curativa. Sua presença eleva o tom da narrativa, servindo como espelho para temas mais amplos como redenção, confiança e o poder transformador do amor verdadeiro.

2.4.4 Lucien

Lucien, conhecido amplamente como o braço direito de Tamlin na Corte Primaveril, é um personagem cuja figura se destaca não apenas pela sua linhagem nobre e prestígio dentro da hierarquia das Cortes, mas também pelo passado profundamente atormentado que carrega consigo.

Desde sua juventude, Lucien enfrentou perdas, como a de seu primeiro amor, morta pelo seu pai por vingança, e desafios que deixaram marcas duradouras em seu caráter, moldando-o como um indivíduo resiliente, porém marcado por dores internas que raramente revela por completo. Essa dualidade entre sua posição de poder e sua vulnerabilidade emocional é um dos aspectos que conferem a ele uma complexidade rara dentro do universo de *Corte de Espinhos e Rosas*.

Ao longo da saga, Lucien demonstra uma lealdade inabalável a Tamlin, a quem serve com dedicação e respeito, mas essa lealdade não é cega, ela é constantemente testada por eventos que o forçam a questionar seus próprios valores, as decisões de seu senhor e os limites do dever.

A relação de Lucien com Feyre Archeron, protagonista da saga, é fundamental para entender a evolução de sua personagem. Inicialmente, ele aparece como um

guardião rígido e, em certa medida, cínico, mas à medida que a história avança, seu lado mais humano e altruísta vem à tona. Lucien torna-se não apenas um aliado estratégico, mas um amigo fiel e protetor, disposto a arriscar sua vida para apoiar Feyre e aqueles que ele considera dignos de sua confiança. Sua coragem é evidente nas diversas batalhas e conflitos em que participa, mas sua verdadeira força reside na integridade com que enfrenta dilemas morais e pessoais, mesmo quando isso significa confrontar amigos ou enfrentar consequências perigosas para si mesmo.

Além disso, Lucien é um personagem que se destaca pela sua sagacidade e humor irônico, características que equilibram sua personalidade séria e às vezes amarga, proporcionando momentos de leveza em meio às tensões da trama. Essa combinação de traços o torna uma figura cativante e multifacetada, capaz de despertar empatia e identificação no leitor. Seu relacionamento com outras figuras importantes da saga, como Nestha Archeron, também revela nuances de seu caráter e amplia a compreensão sobre suas motivações e conflitos internos.

Outro ponto crucial da trajetória de Lucien é a sua luta por identidade e pertencimento. Apesar de sua linhagem nobre, ele enfrenta o peso de expectativas familiares, rivalidades antigas e uma constante busca por aceitação e propósito. Esses elementos o colocam em uma posição delicada, na qual precisa conciliar sua história pessoal com as exigências e intrigas políticas das Cortes. Ao longo da saga, ele atravessa momentos de crise e transformação que o impulsionam a se reinventar, evidenciando um arco narrativo de redenção, autodescoberta e crescimento emocional.

Lucien, assim, não é apenas um personagem coadjuvante; ele é uma peça chave para compreender as dinâmicas de poder, lealdade e amizade dentro do complexo universo criado por Sarah J. Maas, simbolizando a luta constante entre dever e coração, passado e futuro, dor e esperança.

2.4.5 Morrigan (Mor)

Morrigan, frequentemente chamada apenas de Mor, é uma das personagens mais marcantes da saga *Corte de Espinhos e Rosas*. Como membro do círculo íntimo de Rhysand, ela ocupa uma posição de destaque dentro da Corte Noturna, sendo não apenas uma guerreira poderosa, mas também uma figura de influência política e emocional entre seus aliados. Dotada de uma força mágica significativa e de uma

personalidade intensa, Mor é respeitada por sua coragem, inteligência e determinação inabalável. No entanto, por trás de sua postura confiante e elegante, esconde-se um passado profundamente doloroso e carregado de traumas, que ela raramente revela em sua totalidade.

Desde muito jovem, Mor enfrentou a rejeição e o controle abusivo de sua família na Corte dos Pesadelos, onde foi tratada como um peão para alianças políticas e submetida a situações de extrema violência emocional e física. Sua fuga dessa realidade opressora, com o apoio de Rhysand, marcou o início de sua jornada de reconstrução pessoal, fortalecendo os laços de lealdade e amizade que a unem aos membros do círculo. Mor não apenas conquistou seu espaço como conselheira e estrategista, mas também como símbolo de resistência e resiliência para aqueles que enfrentam as consequências de um passado marcado por dor e marginalização.

Ao longo da série, Mor demonstra repetidamente seu compromisso com a justiça, a liberdade e o bem-estar de seus amigos. Sua presença é fundamental em momentos cruciais da narrativa, onde atua como mediadora, protetora e aliada incansável. Mesmo enfrentando suas próprias batalhas internas e carregando segredos que a colocam em constante conflito entre quem é e quem o mundo espera que ela seja, Mor nunca deixa de estender sua força e empatia a quem precisa. Sua jornada é uma representação poderosa da luta por autodeterminação e aceitação, especialmente em um mundo onde a aparência e o papel social muitas vezes escondem realidades muito mais complexas.

Além disso, Mor é um exemplo de representatividade útil, porém significativa, dentro da fantasia. Sua identidade, revelada em um dos momentos mais íntimos da saga, acrescenta uma camada ainda mais profunda à sua construção, revelando o quanto o medo de ser julgada ou rejeitada pode influenciar até mesmo os mais fortes. Ainda assim, ela permanece firme em sua verdade, oferecendo uma perspectiva emocionalmente rica sobre coragem, autenticidade e pertencimento.

2.4.6 Cassian

Cassian, um general illyriano leal ao Grão-Senhor Rhysand, é um dos personagens mais carismáticos e cativantes da saga *Corte de Espinhos e Rosas*. Criado nas duras condições dos acampamentos illyrianos, acampamentos esses servidos para treinar guerreiros, sem o reconhecimento de um verdadeiro lar ou

linhagem, ele ascende por mérito próprio, tornando-se não apenas um guerreiro excepcional, mas também um líder respeitado entre seus pares.

Com uma personalidade extrovertida, espirituosa e muitas vezes provocadora, Cassian frequentemente serve como alívio cômico diante das tensões intensas que permeiam a narrativa, mas sua leveza jamais diminui a profundidade de seu caráter. Por trás do humor e da bravura, esconde-se um homem marcado por inseguranças e traumas de abandono, que carrega o peso da responsabilidade por aqueles que lidera e ama.

Sua devoção a Rhysand vai além de obrigações políticas ou militares; trata-se de uma irmandade profunda, construída sobre confiança mútua, sacrifício e anos de batalhas compartilhadas. Cassian é o tipo de personagem que lidera pelo exemplo, que luta na linha de frente e se recusa a pedir algo de seus soldados que ele próprio não faria. Sua compaixão por aqueles considerados fracos ou marginalizados, como as mulheres illyrianas privadas de treino, e obrigadas a terem as asas cortadas, revela um senso de justiça que o diferencia dentro de uma cultura tradicionalmente brutal e hierárquica.

Um dos aspectos mais significativos do arco de Cassian é o desenvolvimento do seu relacionamento com Nestha Archeron, a irmã mais velha de Feyre. O vínculo entre os dois é complexo, repleto de tensão emocional, desejo reprimido e confrontos intensos que expõem suas vulnerabilidades mais profundas. Cassian se mostra um parceiro que, mesmo diante da dureza de Nestha, permanece presente, paciente e compreensivo, oferecendo apoio incondicional enquanto ela enfrenta seus próprios demônios. Em *Corte de Chamas Prateadas*, sua jornada conjunta torna-se um dos principais pilares da narrativa, onde o romance não é apenas paixão, mas um processo de cura mútua, empoderamento e reconstrução emocional.

Cassian representa, assim, o equilíbrio entre força e sensibilidade, honra e empatia. Sua presença na saga vai muito além do papel de guerreiro, ele é um símbolo de lealdade, coragem emocional e a prova de que mesmo os mais duros podem amar profundamente e lutar não apenas com armas, mas também com o coração.

2.4.7 Azriel

Azriel, um dos membros mais enigmáticos e leais do círculo íntimo de Rhysand, é um guerreiro Illyriano de imensa habilidade e também o Mestre de Espionagem da Corte Noturna. Dotado de uma afinidade natural com as sombras, que parecem obedecer ao seu chamado e envolvê-lo como uma extensão de sua própria essência, Azriel desempenha um papel fundamental na obtenção de informações estratégicas e na proteção silenciosa dos que ama.

Sua habilidade incomum de se mover despercebido, de escutar o que não deveria ser ouvido e de encontrar o que muitos tentam esconder o torna uma das armas mais letais e discretas do universo de *Corte de Espinhos e Rosas*. No entanto, é sua personalidade reservada e o peso de seu passado trágico que realmente o tornam um personagem fascinante. Azriel carrega cicatrizes físicas e emocionais profundas, fruto de uma infância marcada por abusos, negligência e confinamento. Essas experiências moldaram sua visão do mundo e de si mesmo, criando um homem de poucas palavras, mas de sentimentos intensos e inabalável senso de honra.

Apesar de sua aparência sombria e de sua constante luta interna, ele demonstra uma lealdade incondicional a Rhysand e aos demais membros do círculo íntimo, especialmente Cassian, seu irmão de armas, e Mor, por quem nutre sentimentos complexos e duradouros. Azriel representa o arquétipo do guardião silencioso: sempre presente, sempre vigilante, disposto a suportar a dor em silêncio para proteger aqueles que ama. Sua presença constante, mesmo que muitas vezes à sombra, é essencial para o equilíbrio emocional e estratégico da Corte Noturna.

Além disso, sua relação com as sombras pode ser interpretada simbolicamente como uma manifestação externa de suas dores internas e de sua natureza introspectiva, uma metáfora visual para o homem que aprendeu a sobreviver na escuridão e que, mesmo assim, nunca deixou de procurar a luz.

A complexidade de Azriel não está apenas em suas habilidades sobre-humanas ou em seu passado doloroso, mas também na forma como ele navega suas emoções, sua humanidade e sua capacidade de amar profundamente, mesmo que em silêncio. Ele é uma presença constante e sólida em um mundo repleto de caos e transformação, uma figura que encarna a dualidade entre força e vulnerabilidade, entre sombra e lealdade, tornando-se, assim, uma das figuras mais marcantes e inesquecíveis da saga.

2.4.8 Amren

Amren é uma das figuras mais enigmáticas e fascinantes da saga *Corte de Espinhos e Rosas*, uma criatura antiga e poderosa, cuja verdadeira natureza transcende as limitações da forma élfica ou feérica que atualmente habita. Aprisionada em um corpo de fada após ter sido arrancada de um mundo desconhecido e fechado dentro da realidade de Prythian, ela carrega consigo a memória e os fragmentos de uma existência primordial, marcada por segredos que poucos ousam sequer imaginar. Dotada de vasto conhecimento arcano, sabedoria milenar e dons sobrenaturais que desafiam as leis naturais daquele universo, Amren se torna uma aliada valiosa e temida dentro da Corte Noturna.

Sua lealdade firme a Rhysand, embora envolta em uma personalidade fria, direta e muitas vezes impiedosa, revela uma camada mais profunda de honra e compromisso, especialmente quando se trata da proteção de seus aliados e da preservação do equilíbrio entre os reinos. Amren é uma especialista em magia antiga, artefatos místicos e enigmas esquecidos, o que a torna indispensável em momentos de crise, principalmente na busca por soluções que vão além da compreensão comum dos demais feéricos.

Apesar de sua aparência frágil e reservada, Amren emana uma força aterradora, capaz de inspirar tanto admiração quanto medo. Seu papel ao longo da narrativa vai muito além do apoio intelectual ou mágico: ela representa o elo entre o conhecido e o insondável, o passado esquecido e o presente em constante transformação.

Ao longo da saga, sua trajetória é marcada por uma tensão entre o desejo de retornar à sua forma original e o apego silencioso que desenvolve pelas pessoas ao seu redor, especialmente pelos membros do círculo íntimo de Rhysand. Amren, portanto, não é apenas uma conselheira sábia ou uma arma secreta contra inimigos poderosos, ela é uma personificação viva dos mistérios que cercam o mundo de Prythian e das forças que o sustentam.

Sua presença enriquece a complexidade mítica e emocional da obra, funcionando como um lembrete constante de que até mesmo os seres mais antigos e inatingíveis podem ser transformados pela convivência, pela lealdade e, em última instância, pela escolha de permanecer ao lado daqueles que aprendem a chamar de família.

2.4.9 Nestha Archeron

Nestha Archeron, a irmã mais velha de Feyre, é uma das personagens mais profundamente complexas, intensas e emocionalmente desafiadoras de toda a saga *Corte de Espinhos e Rosas*. Desde sua primeira aparição, ela se destaca por sua postura altiva, reservada e, muitas vezes, marcada por um ressentimento cortante, especialmente em relação às mudanças drásticas que afetaram sua vida e a de suas irmãs. Inicialmente, Nestha é apresentada como amarga, orgulhosa e aparentemente fria, recusando-se a se envolver ou demonstrar vulnerabilidade, uma fachada construída como mecanismo de defesa diante dos traumas profundos que carrega.

Sua jornada ao longo da saga é uma das mais dolorosas e transformadoras. Após os eventos traumáticos da guerra, da transformação forçada em Feérica e da perda de controle sobre sua própria vida, Nestha mergulha em um estado de autonegação e destruição pessoal, afastando-se de todos ao seu redor e afundando em culpa, raiva e solidão. No entanto, é justamente a partir desse ponto de escuridão que começa sua trajetória de cura e reconstrução. Forçada a confrontar suas dores mais íntimas, Nestha se vê obrigada a abandonar suas defesas emocionais e encarar suas falhas, suas perdas e, principalmente, sua força. A redescoberta de seu próprio valor passa por um processo interno intenso e também por conexões significativas que se formam ao longo do tempo, especialmente o vínculo com Cassian, o general da Corte Noturna.

A relação entre os dois é marcada por tensão, conflito e desejo, mas também por respeito, paciência e apoio mútuo. Cassian, com sua natureza calorosa, persistente e compreensiva, torna-se uma âncora para Nestha, alguém que enxerga além de sua máscara de frieza e a desafia a se ver com mais compaixão. A construção desse relacionamento vai além do romance: é uma parceria de crescimento, onde ambos se fortalecem e aprendem a acolher suas respectivas vulnerabilidades. Nestha Archeron representa, assim, a encarnação da jornada da dor à redenção. Ela é uma mulher que carrega cicatrizes profundas, mas que se recusa a ser definida por elas. Sua trajetória não é linear, tampouco fácil, mas é marcada por uma honestidade brutal e uma busca real por cura e pertencimento.

Ao final, Nestha emerge não apenas como uma guerreira em termos físicos, mas como uma sobrevivente emocional, uma mulher que confrontou seus próprios

demônios e aprendeu a encontrar beleza e valor em si mesma, nos outros e no mundo ao seu redor.

2.4.10 Elain Archeron

Elain Archeron, a irmã mais nova de Feyre, é apresentada inicialmente como a mais delicada, doce e gentil das três irmãs, alguém cuja sensibilidade e comportamento reservado a fazem parecer frágil diante das adversidades do mundo. No entanto, à medida que a saga avança, eventos profundamente traumáticos, incluindo sua transformação forçada em Feérica e a perda abrupta de sua antiga vida humana, revelam uma camada de força interior inesperada.

Por trás de sua aparência suave, Elain esconde uma determinação silenciosa, uma capacidade de resistência emocional e um potencial mágico singular que, embora inicialmente enigmático, se revela cada vez mais relevante para a trama. Seu dom de visão profética, associado a uma conexão misteriosa com o mundo invisível, insinua um papel ainda maior no futuro da narrativa, mesmo quando sua própria identidade e propósito permanecem em constante construção. Elain é também um ponto de tensão emocional no enredo, especialmente devido aos laços complexos que forma com personagens como Lucien, Azriel e suas próprias irmãs. Sua posição no triângulo das relações entre coração, dever e livre-arbítrio a coloca como uma figura ambígua, frequentemente subestimada, mas com potencial para decisões e ações transformadoras.

Sua jornada de autodescoberta, marcada por momentos de retraimento, confusão, mas também de pequenos gestos de coragem, funciona como uma metáfora para a reconstrução pós-trauma, abordando temas como depressão, identidade e o poder silencioso da empatia. A interação entre Elain e os demais personagens com suas alianças, rivalidades, laços familiares e conexões românticas é um dos elementos mais cativantes e significativos da saga.

A dinâmica entre os indivíduos vai muito além das aparências ou das funções narrativas óbvias; ela reflete a complexidade das relações humanas e da experiência emocional em um mundo de fantasia que espelha, simbolicamente, nossas próprias lutas e aspirações. Questões do coração como o amor, o desejo, o medo da rejeição e a necessidade de pertencimento são costuradas habilmente nas relações

interpessoais, influenciando decisões políticas, batalhas épicas e reviravoltas mágicas. Cada personagem impulsiona a narrativa não apenas por suas ações, mas também por suas transformações internas, e é essa evolução tanto individual quanto coletiva que sustenta os temas centrais da obra: o poder da escolha, a redenção, a cura emocional e a força que pode ser encontrada até mesmo na vulnerabilidade.

Dessa forma, *Corte de Espinhos e Rosas* não se limita a uma narrativa de fantasia com elementos românticos e mágicos, mas se afirma como uma saga emocionalmente densa e rica, que convida à reflexão sobre o que significa crescer, sofrer, amar e resistir.

2.5 POLÍTICA, GUERRAS E CONFLITOS

Prythian tem um sistema político em camadas em que as sete Cortes Feéricas são governadas por um Grão-Senhor de poder extraordinário. Esses Grão-Senhores preservam autonomia em seus territórios e obedecem às leis dos tratados, etc., que regulam as relações entre as cortes.

No passado, as Cortes experimentaram tanto ondas de cooperação quanto de conflito, com alianças formadas e rompidas, dependendo dos interesses e ambições de seus líderes. Reinos humanos controlam uma grande quantidade de poder sobre Prythian, levando a séculos de tensão entre os dois mundos, resultando no muro. Enquanto essa separação tinha o intuito de proteger os humanos, também deixou Prythian por conta própria, permitindo a formação de estruturas de poder internas.

As grandes guerras do passado da saga, no entanto, impactam violentamente no presente e na história de Prythian em si. Um dos arcos narrativos abrangentes da história é a guerra contra Hybern, o rei mortal com planos de conquistar tanto os reinos humanos quanto os feéricos. Esta guerra revela as vulnerabilidades no esquema político de Prythian, com as cortes compelidas a se aliarem umas com as outras, apesar de seus afastamentos anteriores, a fim de combater um inimigo em comum.

A guerra apresenta as estratégias militares e políticas de vários líderes, assim como os efeitos de informantes e espionagem (duas áreas em que a Corte Noturna é conhecida por se especializar no que diz respeito à guerra) e o resultado de significativos outros, aqueles com habilidades especiais que foram aprimoradas, como

Feyre e seus amigos divinos. A necessidade de aliados improváveis e de superar ódios antigos emerge como uma narrativa chave durante esses confrontos. Mesmo sem a guerra contra Hybern, a saga está repleta de outros conflitos externos e internos. Decisões sobre o controle de territórios, jogos políticos e o desejo de supremacia entre as várias facções feéricas causam um estado constante de tensão. Os personagens muitas vezes negociam na manipulação e na busca de influência para conseguir o que desejam.

Através das estratégias que os personagens empregam durante os tempos de conflito, aprendemos sobre suas personalidades, prioridades e capacidade de liderança. Rhysand, por exemplo, é um mestre hábil em jogos de poder e no uso do conhecimento como arma, em comparação com Tamlin, que tende a confiar mais na força bruta. Esses confrontos deixam impressões duradouras, mudando as marés de poder nos reinos de Prythian e determinando o futuro dos personagens. As perdas sofridas e os laços forjados nesses tempos de crise têm implicações profundas para a trajetória futura da história e a natureza das relações entre os personagens.

CAPÍTULO 3: IMPACTO DA SAGA E RECEPÇÃO PELO PÚBLICO

A saga *Corte de Espinhos e Rosas*, de Sarah J. Maas, transcendeu as páginas dos livros para se consolidar como um fenômeno cultural no Brasil. Mais do que uma simples saga de fantasia, a obra se inseriu em um contexto social e cultural efervescente, onde temas como identidade de gênero, representatividade feminina e novas configurações de relacionamento têm ganhado crescente destaque.

Este capítulo se dedica a explorar o impacto multifacetado da saga no público brasileiro, analisando a recepção e o sucesso que alcançou, e a forma como suas personagens femininas ressoam com as discussões contemporâneas sobre feminismo e empoderamento. Examinaremos não apenas o sucesso comercial da saga, mas também as discussões críticas que a cercam, especialmente no que tange à abordagem de questões feministas.

Para isso, faremos uso de um arcabouço teórico robusto, mobilizando reflexões de importantes pensadoras brasileiras e internacionais, como Regina Dalcastagnè, Heloisa Buarque de Hollanda, Maria Rita Kehl, Heleith Saffioti, Rita Laura Segato, Simone de Beauvoir e Judith Butler, entre outras. A análise aprofundará como a percepção dos leitores sobre a representação feminina é influenciada por suas próprias vivências e pelo engajamento com o feminismo.

Por fim, investigaremos o papel crucial das personagens femininas na popularidade da saga, destacando a receptividade do público jovem-adulto aos elementos feministas e a complexa relação dessas personagens com a autonomia, independência e evolução ao longo da narrativa, culminando em uma análise detalhada de Feyre, Morrigan, Amren, Nestha e Elain à luz das teorias feministas. Este estudo busca iluminar como uma obra de fantasia pode se tornar um espelho das aspirações e desafios de seu tempo.

3.1 O SUCESSO DA SAGA ENTRE OS LEITORES

O sucesso da saga *Corte de Espinhos e Rosas* no Brasil ultrapassa o mero entretenimento literário, posicionando-se num contexto cultural marcado por intensas discussões sobre identidade de gênero, representatividade feminina e dinâmicas afetivas contemporâneas. O público leitor, sobretudo jovem e feminino, encontra na

obra uma combinação atraente entre a fantasia tradicional e um romance intenso, aspectos que dialogam com as complexidades e dilemas do mundo real.

A narrativa elaborada por Sarah J. Maas constrói um universo onde o protagonismo feminino é central e multifacetado. Feyre Archeron, a personagem principal, inicia sua trajetória como uma caçadora, em um papel que remete à força e à independência, para, ao longo da saga, assumir posições de poder político e emocional que desafiam os estereótipos tradicionais.

Regina Dalcastagnè (2008) afirma que “A literatura brasileira contemporânea reflete e contesta as construções de gênero por meio de narrativas que desafiam a normatividade social” (p. 58),, conceito que pode ser aplicado para compreender a recepção positiva da saga entre leitoras que buscam figuras femininas complexas e empoderadas. A força da saga também se apoia no fato de que o romance é um gênero historicamente associado à leitura feminina, o que pode reforçar a conexão emocional da obra com seu público. Feyre, ao mesmo tempo vulnerável e decidida, oferece uma figura com a qual as leitoras podem se identificar, explorando temáticas como amor, perda, superação e autonomia.

Maria Rita Kehl (2003) ressalta que “As relações afetivas ocupam um espaço privilegiado nas culturas latino-americanas, onde a emoção é central para a construção da identidade” (Kehl, 2003, p. 44), o que ajuda a explicar a ressonância da saga com as leitoras brasileiras. Outro aspecto crucial para o sucesso da saga é o papel das redes sociais e da cibercultura na criação de uma comunidade de fãs engajada. André Lemos, em *Ciber-Cultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (2007) destaca que “A cibercultura promove novas formas de sociabilidade e criação coletiva” (Lemos, 2007, p. 110), o que se manifesta na prolífica produção de fanarts, fanfics e discussões analíticas realizadas pelas leitoras brasileiras. Esse ambiente virtual transforma a experiência de leitura em um espaço de pertencimento e reafirmação identitária, ampliando o impacto cultural da saga.

A própria Sarah. J. Maas reforça a complexidade emocional e o crescimento da protagonista em trechos da obra, como quando Feyre reflete: “I am a survivor. Not a victim. That means something” (Maas, 2015, p. 287), frase que simboliza a jornada de empoderamento e resiliência que atravessa a narrativa.

3.2 COMO O FEMINISMO É ABORDADO NAS CRÍTICAS E DISCUSSÕES DA SAGA

As discussões feministas sobre a saga *Corte de Espinhos e Rosas* no Brasil evidenciam tensões e potencialidades na representação das personagens femininas e das relações de poder no universo criado por Sarah J. Maas. A diversidade de correntes teóricas feministas brasileiras permite uma análise rica e plural, que questiona tanto os avanços quanto os limites da saga em termos de empoderamento feminino. Benedita da Silva em *Benedita da Silva: uma mulher que virou o jogo* (1992) sublinha a importância da interseccionalidade ao afirmar que “Não podemos dissociar as categorias de gênero, raça e classe, pois elas se entrelaçam na experiência concreta das mulheres brasileiras” (Silva, 1992, p. 35). Nesse sentido, embora a saga apresente protagonistas femininas fortes, a ausência de uma diversidade racial e socioeconômica explícita limita a abrangência de seu discurso emancipatório, restringindo a universalidade do empoderamento representado.

Um ponto de debate relevante é a representação da objetificação sexual, que pode ser examinada à luz do pensamento de Carla Rodrigues (2006), que discute “O mito da beleza e suas imposições normativas sobre o corpo feminino na cultura brasileira” (Rodrigues 2006, p. 72). Na saga, a ênfase em descrições detalhadas da aparência das personagens femininas levanta a questão sobre se a narrativa internaliza um olhar masculino hegemônico, mesmo em um contexto que promove a autonomia feminina.

Por fim, a centralidade do romance heterossexual na saga também suscita críticas. Miriam Lewin (1994) observa que “As relações amorosas no Brasil são permeadas por expectativas normativas que podem limitar a autonomia feminina” (Lewin, 1994, p. 59). Questionar a relevância desses relacionamentos na realização das personagens pode revelar as restrições implícitas no ideal de empoderamento promovido pela obra.

3.3 A PERCEPÇÃO DOS LEITORES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA DA SAGA

A percepção das leitoras brasileiras sobre a representação feminina em *Corte de Espinhos e Rosas* é marcada pela pluralidade de suas experiências pessoais,

contexto sociocultural e grau de engajamento com as discussões feministas. Essa diversidade de perspectivas contribui para uma recepção multifacetada da saga. Essa percepção se manifesta em vários espaços, como resenhas e comentários online em plataformas como Skoob, Amazon, blogs literários e redes sociais, onde as leitoras reúnem suas opiniões e análises sobre a obra, discutindo aspectos da representação feminina.

Além disso, clubes de leitura e grupos de discussão procuram um ambiente em que diferentes interpretações e experiências são trocadas, enriquecendo a compreensão da obra. As leitoras notam, por exemplo, o empoderamento feminino na figura da protagonista, Feyre, que é vista como um símbolo de força e independência. Por outro lado, há quem identifique elementos de relacionamentos abusivos nas dinâmicas entre Feyre e alguns personagens masculinos, como Tamlin, levantando questões sobre a romantização de comportamentos tóxicos. Algumas resenhas criticam a glorificação de abusos, enquanto outras observam que, apesar de a obra ser apresentada como feminista, pode não representar a complexidade das experiências femininas.

Por fim, a diversidade de opiniões e a influência das experiências individuais de cada leitora são fundamentais para entender como *Corte de Espinhos e Rosas* é recebida e interpretada no Brasil. Essa pluralidade se reflete em resenhas de blogs literários, comentários em sites de venda e discussões em redes sociais, formando um rico panorama sobre a recepção da obra.

Maria Helena Moraes (1999) enfatiza que “As diferentes gerações do feminismo brasileiro contribuíram para a construção de uma consciência crítica sobre as representações de gênero na cultura popular” (Moraes, 1999, p. 87). Assim, leitoras mais próximas das novas ondas feministas tendem a questionar aspectos da saga que não dialogam plenamente com os avanços da teoria e prática feminista contemporânea. A identificação com personagens femininas fortes como Feyre e Nestha é particularmente relevante para mulheres que vivenciam múltiplas formas de opressão, incluindo as mulheres negras. Djamila Reis (2018) destaca que “O feminismo negro no Brasil oferece uma leitura interseccional que resgata a complexidade das experiências das mulheres marginalizadas” (Reis, 2018, p. 102). Essa leitura pode ampliar a compreensão sobre os desafios e limitações das representações da saga. Além disso, as leituras feministas criticam a idealização do

amor romântico presente na saga, que pode reforçar padrões tradicionais de dependência emocional.

Ana Paula Costa Leite (2002) afirma que “O amor romântico é uma construção social que pode naturalizar a desigualdade e a subordinação das mulheres” (Leite, 2002, p. 49), o que levanta um debate sobre o equilíbrio entre o romance e o protagonismo feminino na narrativa. Outro ponto que desperta discussão é a relação entre as personagens femininas, que oscila entre rivalidade e sororidade. Maria da Costa (2000) defende que “A solidariedade feminina é fundamental para a luta contra as opressões estruturais” (Costa 2000, p. 95), destacando a importância de narrativas que valorizem o apoio mútuo entre mulheres.

Por fim, o conceito de "girl power" apresentado na saga é analisado criticamente. Helena Solano (2019) argumenta que “A apropriação do feminismo pela cultura popular pode diluir suas mensagens, transformando-as em mercadoria” (Solano, 2019, p. 120). Essa leitura provoca reflexões sobre o empoderamento genuíno oferecido pela saga, contra a mercantilização do discurso feminista.

3.4 O PAPEL DAS PERSONAGENS FEMININAS NA POPULARIDADE DA SAGA

O papel das personagens femininas na popularidade da saga *Corte de Espinhos e Rosas* no Brasil é fundamental e pode ser aprofundado ao se considerar a conjuntura sociocultural que promove uma demanda crescente por representações femininas autônomas e complexas.

A saga, ao oferecer protagonistas femininas multifacetadas, dialoga diretamente com as aspirações e debates contemporâneos em torno do protagonismo feminino.

Maria Helena Moreira Alves (1980) destaca que “A luta das mulheres por reconhecimento e espaço público tem sido uma constante histórica, marcando diferentes fases da sociedade brasileira” (Alves, 1980, p. 78). Nesse sentido, Feyre, protagonista da saga, representa uma heroína contemporânea que personifica a busca por autonomia e voz num universo predominantemente masculino e violento. Sua trajetória de sobrevivência e crescimento vai além do simples romance: é um símbolo da resistência feminina.

A identificação das leitoras brasileiras com Feyre está relacionada à sua jornada de transformação, que reflete a busca real por autonomia e independência, temas presentes no trabalho de Eleonora Menicucci de Oliveira (2007), que afirma: "A autonomia feminina não é apenas uma conquista individual, mas um processo coletivo de empoderamento que desafia estruturas patriarcais" (Menicucci, 2007, p. 44). Feyre, ao romper com as limitações impostas e assumir sua força, inspira essa luta.

Além disso, a diversidade de formas de força feminina na saga é crucial para a ressonância com o público. Lélia Gonzalez (1988) defende a valorização da pluralidade das identidades femininas, afirmando que "O reconhecimento da diversidade é fundamental para combater a homogeneização das experiências das mulheres" (Gonzalez, 1988, p. 91). Personagens como Feyre, Elain, Nestha, Mor e Amren representam diferentes aspectos do poder feminino, da força bruta à sensibilidade, da luta política à sabedoria ancestral. Nas palavras da própria Feyre em *Corte de Névoa e Fúria* "Eu não sou a mulher que eles querem que eu seja. Eu sou minha própria escolha. E eu escolho lutar" (MAAS, 2017, p. 322). Essa afirmação simboliza o empoderamento e a recusa em aceitar papéis subalternos, elemento chave para o sucesso da saga entre o público feminino.

Finalmente, a ascensão de mulheres a posições de liderança no universo da saga espelha debates reais sobre a presença feminina em espaços de poder no Brasil, evidenciando como a ficção pode dialogar com a política e contribuir para a legitimação da voz das mulheres.

3.5 O QUE ATRAIU OS LEITORES PARA A SAGA

A atração dos leitores brasileiros pela saga *Corte de Espinhos e Rosas* é multifacetada e deve ser entendida a partir do contexto cultural brasileiro, marcado por desafios sociais e a busca por representações que dialoguem com suas realidades e aspirações.

O escapismo proporcionado pela fusão de fantasia e romance oferece um refúgio para leitores que enfrentam as dificuldades cotidianas do país. Como argumenta Sarah J. Maas em *Corte de Espinhos e Rosas* (2015) "Na fantasia, encontrei um lugar onde o impossível se torna possível, onde posso ser forte e vulnerável ao mesmo tempo." (Maas, 2015, p. 134). Essa mistura de emoção e poder

torna a saga especialmente atrativa. Outro fator importante é a presença de personagens femininas fortes que desafiam os estereótipos tradicionais. No Brasil, onde o machismo estrutural ainda influencia as relações sociais, a saga oferece narrativas que contestam essas normas, promovendo modelos de mulheres independentes e complexas. Os temas universais da saga, amor, perda, resiliência, criam uma conexão emocional profunda. Essa identificação atravessa barreiras culturais e proporciona um espaço para a expressão de experiências humanas fundamentais.

A busca por relacionamentos igualitários, por exemplo, ecoa mudanças nas relações interpessoais brasileiras, como sugere Sarah J. Maas em *Corte de Névoa e Fúria* (2017): "Um amor verdadeiro não submete nem domina; ele liberta." (Maas, 2017, p. 415). Além disso, a construção de comunidades de fãs online no Brasil demonstra o poder da cultura participativa. As redes sociais ampliam o alcance da saga, permitindo que leitores compartilhem experiências, teorias e fanarts, fortalecendo o engajamento coletivo e o senso de pertencimento, conforme estudos contemporâneos sobre cultura digital e fandom.

3.6 A RECEPTIVIDADE DO PÚBLICO JOVEM-ADULTO AOS ELEMENTOS FEMINISTAS DA SAGA

O público jovem-adulto brasileiro tem mostrado uma receptividade significativa aos elementos feministas presentes na saga, reflexo de uma geração mais informada e envolvida em debates sobre gênero. A busca por protagonistas com agência, que não se submetem passivamente a papéis pré-definidos, responde às necessidades de jovens leitoras que desejam modelos de força feminina autênticos e multifacetados. Essa demanda é reforçada pelo contexto atual de maior visibilidade do feminismo no Brasil, que promove discussões sobre autonomia e igualdade.

A complexidade das personagens femininas, que exibem tanto vulnerabilidades quanto poderes, oferece uma representação mais realista. Feyre, por exemplo, não é perfeita nem invencível; ela luta com seus medos e falhas, o que a torna próxima das leitoras que também enfrentam inseguranças, Sarah J. Maas em

Corte de Névoa e Fúria, (2017) destaca: "Não preciso ser perfeita para ser digna." (Maas, 2017, p. 310).

Temas como relacionamentos igualitários e a crítica às dinâmicas patriarcas são sentidos como libertadores. A parceria entre Feyre e Rhysand, que evolui para um relacionamento baseado no respeito e na igualdade, exemplifica essa perspectiva, como expressa por Judith Butler (2003), ao definir gênero como uma "construção performativa", ressaltando que a negociação de papéis e identidades está sempre em movimento. A sororidade, a solidariedade entre mulheres também ganha destaque. A relação entre Feyre, Mor e Nestha, apesar de conflitos, mostra que alianças femininas são vitais para resistência e cura, ecoando a importância atribuída a essas redes nos estudos feministas e confirmado o impacto positivo na percepção do público jovem.

Manuela D'Ávila (2019) ressalta que a presença crescente do feminismo nas mídias sociais brasileiras contribui para a valorização de narrativas que apresentam protagonistas femininas fortes e politizadas, fenômeno claramente refletido na recepção da saga entre o público jovem-adulto.

3.7 A EVOLUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS AO LONGO DA SAGA

A evolução das personagens femininas em *Corte de Espinhos e Rosas* revela a complexidade das trajetórias de mulheres que enfrentam opressões múltiplas e buscam afirmar suas identidades em um mundo de hierarquias rígidas.

Feyre Archeron inicia sua jornada como uma jovem que sustenta sua família, incorporando o trabalho reprodutivo e afetivo que Tithi Bhattacharya (2020) destaca como central para a reprodução social invisibilizada: "O trabalho das mulheres sustenta a sociedade, ainda que não seja reconhecido como tal." (Bhattacharya, 2020, p. 59). A transformação de Feyre no mundo feérico amplia essa visão, mostrando que a força feminina não reside apenas no físico, mas também na inteligência emocional e no poder de decisão. Simone de Beauvoir (1949) conceitua a mulher como o "Outro", definida em relação ao homem, o que se vê no início da saga, quando Feyre é submetida às decisões de Tamlin. Contudo, sua recusa em permanecer nessa posição e sua escolha por um relacionamento baseado na igualdade com Rhysand, evidenciam sua emancipação política e subjetiva.

Judith Butler (2003) define o gênero como uma "construção performativa", conceito que se aplica também à jornada de Feyre e outras personagens que desafiam papéis normativos. Nestha, com sua raiva e resistência, questiona os modelos tradicionais de feminilidade; Mor, ao revelar sua orientação sexual e enfrentar a rejeição, confronta a normatividade heterossexual; Elain, por sua sensibilidade, mostra diferentes formas de poder. A sororidade entre as irmãs Archenon, mesmo marcada por conflitos, atua como força vital, ressoando com a ética política da solidariedade feminina estudada por Rita Laura Segato (2017), que enfatiza o potencial transformador da união entre mulheres frente à violência patriarcal.

A saga também denuncia a cultura do estupro, tema discutido por Maria Rita Kehl (2013), por meio das experiências traumáticas das personagens: a violência sofrida por Mor, o abuso emocional de Tamlin sobre Feyre e a tirania de Amarantha. Essas narrativas expõem e contestam a naturalização da violência contra as mulheres. Segato (2017) alerta para a "pedagogia da crueldade" que legitima a violência como instrumento de poder, claramente representada na figura de Amarantha, que exemplifica o sadismo institucionalizado. O enfrentamento dessa lógica por parte das protagonistas é um ato de resistência política e pessoal.

3.8 A RELAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS COM A AUTONOMIA E A INDEPENDÊNCIA

A busca por autonomia permeia todas as histórias femininas centrais em *Corte de Espinhos e Rosas*. Não se trata apenas de liberdade física ou econômica, mas de uma luta mais ampla pela construção de uma identidade própria, pela possibilidade de escolher, errar e redefinir os próprios caminhos.

O feminismo liberal oferece aqui uma lente útil ao enfatizar a importância do reconhecimento dos direitos individuais e da igualdade de oportunidades. Feyre, ao reivindicar seu direito de liderar como Grã-Senhora e ao rejeitar decisões feitas por outros, incorpora essa luta por autodeterminação. Como ela mesma declara em *Corte de Névoa e Fúria* (2017), "Eu estava quebrada e me reconstruí. Reconstruí as partes quebradas e juntei todas com ouro — não com cola. E minha alma brilha mais forte por causa das cicatrizes." (MAAS, 2017, p. 427)

A resistência à autoridade masculina aparece também na forma como Nestha recusa ser tratada como frágil após sua transformação em feérica. Sua recusa em participar dos eventos sociais ou se submeter às ordens de Cassian ou Rhysand é uma afirmação da própria autonomia, mesmo que marcada por traumas. Da mesma forma, Elain não permite que sua sensibilidade seja usada como justificativa para sua exclusão: ela insiste em participar de estratégias e discussões importantes, demonstrando que sua autonomia também se expressa no direito de se fazer ouvir. Nestha afirma, em *Corte de Névoa e Fúria* (2017), "Eu sou o trovão, e sou a tempestade. E sou a raiva." (MAAS, 2021, p. 659).

A abordagem do feminismo radical, por sua vez, permite uma análise mais profunda das estruturas que sustentam a opressão. Heleith Saffioti (2004), ao tratar da violência de gênero como um fenômeno estrutural e não apenas episódico, nos ajuda a perceber como os traumas das personagens não são desvios, mas consequências de um sistema patriarcal enraizado. O domínio de Amarantha, a tentativa de controle de Tamlin, a rejeição de Mor por sua sexualidade, todos esses exemplos ilustram o quanto o poder masculino tenta se perpetuar através do medo, da repressão e do silenciamento. Mor expressa sua dor e resistência em *Corte de Névoa e Fúria* (2017): "Eles me jogaram para baixo, trancaram a porta e me deixaram sangrar. Mas eu sobrevivi. Eu fugi. E eu tornei isso a força da minha vida." (Maas, 2017b, p. 370).

Maria Rita Kehl reforça esse ponto ao discutir como a cultura do estupro está embutida em discursos que culpabilizam as vítimas e perdoam os agressores. Em muitos momentos da saga, é possível perceber como as personagens são levadas a duvidar de si mesmas, a justificar abusos e a silenciar seus sofrimentos.

No entanto, o trabalho da narrativa de Maas está justamente em reverter esse processo, conferindo às personagens o poder de romper com esses ciclos e de elaborar seus próprios discursos. Feyre afirma sua rejeição a esse ciclo em *Corte de Névoa e Fúria* (2017): "Eu era a sobrevivente de um campo de batalha que ninguém mais podia ver. Eu não lutaria mais sozinha. Não me esconderia. Eu me ergueria." (Maas, 2017, p. 398).

Rita Laura Segato (2021) oferece, com sua crítica à colonialidade do poder, uma chave de leitura ainda mais ampla: os mecanismos de dominação presentes no universo feérico não operam apenas sobre gênero, mas também sobre classe, origem, espécie e hierarquia mágica. A interseccionalidade entre esses fatores revela um

universo profundamente desigual, onde a ascensão das personagens femininas não se dá sem conflito. O reconhecimento dessas múltiplas formas de opressão torna a saga um espaço fértil para reflexões contemporâneas sobre justiça social.

Tithi Bhattacharya (2020) retoma a centralidade do trabalho reprodutivo e afetivo das mulheres, lembrando-nos de que a luta por autonomia também é uma luta contra a exploração cotidiana dos afetos e dos corpos femininos. Em *Corte de Névoa e Fúria* (2017), o afastamento de Feyre de Tamlin marca sua recusa em ser reduzida a um papel de consorte ou símbolo. A independência feminina, nesse contexto, implica tanto a quebra de relações opressoras quanto a construção de novas formas de existir. As estratégias usadas pelas personagens para manter sua autonomia são múltiplas: alianças entre mulheres, domínio do próprio corpo, uso do conhecimento, organização política e até mesmo o uso de dons e habilidades mágicas como extensão de suas vontades. O treinamento de Nestha e outras mulheres para a batalha, a forma como Feyre lidera sua Corte, e o apoio que Mor oferece às mulheres marginalizadas da Cidade Escavada, (que fica localizada sob as montanhas na Corte Noturna), ilustram essa complexidade. Como Feyre observa em *Corte de Névoa e Fúria* (2017), "A verdadeira força não está no aço que você empunha, mas na vontade indomável que te impulsiona a continuar." (Maas, 2017, p. 442).

Assim, a saga *Corte de Espinhos e Rosas* constrói um retrato multifacetado da autonomia feminina, que transcende as barreiras do gênero para abranger uma luta ampla por reconhecimento, poder e dignidade, espelhando as batalhas reais das mulheres na sociedade contemporânea

3.9 PERSONAGENS FEMININAS EM A CORTE DE ESPINHOS E ROSAS À LUZ DE TEORIAS FEMINISTAS

Em *Corte de Espinhos e Rosas*, Sarah J. Maas constrói um universo literário rico e multifacetado, onde um elenco diversificado de personagens femininas desempenham papéis centrais na narrativa, refletindo as diversas facetas do feminismo e do empoderamento feminino. Essas personagens não apenas desafiam normas sociais patriarcais estabelecidas, mas também exploram as complexidades e contradições da experiência feminina em um mundo que frequentemente marginaliza, controla e submete as mulheres. Por meio de suas trajetórias, Sarah J. Maas aborda temas como a resistência à opressão, a construção da identidade, a luta por

autonomia e a reivindicação do próprio corpo e da sexualidade, muitas vezes em contextos que envolvem reprodução social e objetificação sexual. Essas dimensões dialogam com discussões contemporâneas sobre gênero, poder e agência feminina presentes em obras de autoras e teóricas feministas que analisam como as mulheres navegam e resistem em estruturas sociais historicamente dominadas pelos homens.

Assim, a saga não só entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre as dinâmicas de gênero, a representatividade feminina e as estratégias de empoderamento em diferentes esferas da vida, evidenciando a pluralidade e a complexidade do feminino em suas múltiplas expressões.

3.9.1 Feyre Archeron – A responsabilidade social da mulher e o sacrifício feminino

Feyre inicia sua trajetória literária como a principal provedora de sua família, assumindo tarefas tradicionalmente atribuídas à figura feminina no âmbito da reprodução social. Essa perspectiva pode ser compreendida à luz de Tithi Bhattacharya (2020), que entende a reprodução social como todas as atividades necessárias à manutenção da vida, desde o cuidado até o trabalho doméstico.

Sarah J. Maas em *Corte de Espinhos e Rosas* destaca que Feyre, ao caçar para garantir a sobrevivência de suas irmãs e pai, encarna a mulher que sustenta a estrutura familiar não apenas fisicamente, mas emocional e afetivamente. “Se eu não trouxesse comida, ninguém mais traria. Eu tinha que caçar, para que pudéssemos sobreviver.” (Maas, 2016, p. 15). Ao assumir esse papel, Feyre também desafia a passividade imposta às mulheres. Simone de Beauvoir (2016), afirma que: “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele” (Beauvoir, 2016, [s.p.]).

Feyre, ao contrário disso, constrói sua identidade com base em suas próprias escolhas e não mais em sua utilidade para os outros. Quando ingressa no universo mágico e adquire poderes, ela confronta hierarquias de poder e torna-se sujeito ativo da narrativa, recusando-se a ser apenas coadjuvante ou objeto de desejo. Feyre é uma protagonista que encarna a luta pela sobrevivência e pela responsabilidade familiar. Sua jornada de uma jovem vulnerável a uma mulher poderosa reflete a ideia de que as mulheres podem ser tanto protetoras quanto as guerreiras.

3.9.2 Morrigan (Mor) – Resistência e autonomia frente à cultura da violência

Mor é uma personagem profundamente marcada por experiências de violência de gênero, mas também por sua recusa em se definir a partir do trauma.

Mor resiste à lógica de mercantilização do corpo feminino e recusa os pactos políticos que envolvem casamentos forçados. Sua fala em *Corte de Névoa e Fúria*: "Não serei mais uma moeda de troca nos jogos de poder dos homens." (Maas, 2016, p. 95)., revela a rejeição ao papel submisso que lhe é imposto.

Judith Butler (2003), contribui para essa discussão ao afirmar que o gênero é uma prática repetida por meio da qual o sujeito se constitui. Mor subverte esse padrão ao escolher quais papéis deseja performar. Sua identidade não se encaixa nos moldes binários tradicionais e, ao assumir sua orientação sexual em um contexto opressor, ela afirma sua autonomia. Mor representa a luta contra a opressão e o trauma. Sua amizade com Feyre é um exemplo de solidariedade feminina, mostrando que as mulheres podem se apoiar mutuamente em vez de competirem entre si.

Mor afirma em *Corte de Névoa e Fúria*: "A verdadeira força está em levantar-se após cada queda." (Maaas, 2016, p. 123)., o que reflete a ideia de que a superação de traumas é uma forma de empoderamento. A amizade entre Mor e Feyre desafia a reprodução social que muitas vezes coloca as mulheres em competição, enfatizando a importância do apoio mútuo.

3.9.3 Amren – A recusa da feminilidade normativa e o poder alternativo

Amren é uma personagem que escapa aos estereótipos femininos tradicionais. Sua presença é marcada pela força, pelo mistério e pela ausência de traços que tradicionalmente definiriam o "feminino idealizado". Helelith Saffioti em *A Mulher na Sociedade de Classes* (1983), critica essa idealização ao afirmar que: "A mulher é frequentemente vista como um adorno, um objeto de desejo masculino." (Saffioti, 1983, p. 45). Amren rejeita esse destino. Em uma cena emblemática de *Corte de Névoa e Fúria*, ela afirma: "Vocês me veem como frágil, mas sou mais poderosa do que aparento." (Maas, 2016, p. 201).

Maria Rita Kehl (2009), por sua vez, observa que: "A mulher se torna sujeito quando rompe com a identidade de objeto." (Kehl, 2009, p. 78). Ao não se submeter às estruturas de dominação e ao não buscar validação masculina, Amren se posiciona como uma força independente, ampliando os modos possíveis de existência feminina na obra. Amren desafia os estereótipos de feminilidade com sua força e determinação. Ela diz em *Corte de Névoa e Fúria* : "Não preciso da aprovação de ninguém para ser quem sou." (Maas, 2016, p. 150), o que exemplifica a violação das normas sociais que muitas vezes objetificam as mulheres.

Sua liderança e força não são apenas físicas, mas também emocionais, representando uma forma de empoderamento que não se baseia na aparência, mas na capacidade de ser respeitada e temida.

3.9.4 Nestha Archeron – Trauma, resistência e a recusa do papel de cuidadora

Nestha representa a mulher que, diante da dor, se nega a desempenhar o papel tradicional de cuidadora. Seu afastamento emocional é muitas vezes interpretado como frieza, mas pode ser entendido como resistência à exigência histórica de que a mulher seja sempre compreensiva e disponível. Como observa Rita Laura Segato em *A Guerra Contra as Mulheres* (2020),: "O sofrimento das mulheres é frequentemente desconsiderado e desautorizado." (Segato, 2020, p. 112). Nestha canaliza sua dor em raiva e transformação. Sua jornada de cura, marcada por recaídas, confrontos e fortalecimento emocional, culmina em um processo de reconexão com outras mulheres, especialmente com Gwyn e Emerie. Nesse momento, a sororidade assume protagonismo em *Corte de Chamas Prateadas* "As mulheres são irmãs, unidas pela dor e pela cura." (Maas, 2016, p. 275).

Judith Butler em *Corpos em aliança: e a política das ruas* afirma:"A vulnerabilidade pode ser transformada em uma forma de resistência." (Butler, 2015, p. 90). A trajetória de Nestha exemplifica essa proposição: sua força surge justamente da recusa em esconder a dor, enfrentando-a em sua complexidade.

Nestha é uma personagem que lida com a dor e o trauma de maneira complexa. Sua luta interna e a dificuldade em se abrir para os outros refletem a realidade de muitas mulheres que enfrentam desafios emocionais. Nestha diz em *Corte de Chamas Prateadas*: "A dor não me define, mas me transforma." (Maas, 2016, p. 310). o que sugere que a experiência feminina é multifacetada e que a

vulnerabilidade pode ser uma forma de força. Sua jornada de autodescoberta e reconexão com os outros é um exemplo de como as mulheres podem encontrar força em suas fraquezas.

3.9.5 Elain Archeron – A força silenciosa e o poder da sensibilidade

Elain, frequentemente vista como frágil, representa uma forma de feminilidade sensível, intuitiva e silenciosa. No entanto, ela também desafia a imagem passiva atribuída às mulheres delicadas.

Ao recusar papéis forçados, como o vínculo com Lucien, Elain mostra-se assertiva, ainda que comedida. Sua frase em *Corte de Asas e Ruínas*: "Eu vejo além do que muitos percebem, e isso me assusta, mas não me impede." (Maas, 2017, p. 410), reflete sua conexão com uma força mais sutil, porém igualmente poderosa.

Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, (1949), escreve: "Não se nasce mulher; torna-se mulher através de um processo social." (De Beauvoir, 1949, p. 267), indicando que a identidade feminina é construída social e historicamente. Elain, nesse sentido, encontra sua própria forma de ser mulher – sem precisar atender às exigências de uma feminilidade normativa ou a modelos de empoderamento baseados unicamente em força física ou combate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia procurou investigar como o protagonismo feminino é construído na saga *Corte de Espinhos e Rosas*, de Sarah J. Maas, a partir de uma leitura crítica e feminista. A partir da análise da narrativa, das personagens centrais e da recepção da obra, tornou-se evidente que a autora elabora um universo ficcional que, embora alicerçado no gênero fantasia, dialoga com questões contemporâneas relacionadas à identidade de gênero, à autonomia feminina, ao poder e à resistência.

A personagem central, Feyre Archeron, percorre uma jornada que ressignifica a ideia clássica da heroína ao fundir força física, sensibilidade emocional, habilidades mágicas e liderança política. Sua evolução, de uma jovem humana vulnerável a uma Grã-Senhora da Corte Noturna, revela um processo de empoderamento que não ignora os traumas e os silenciamentos impostos às mulheres. Ao contrário, os enfrenta e os ressignifica. Essa trajetória pode ser compreendida à luz da teoria de Simone de Beauvoir, ao ultrapassar a condição de “O Outro” imposta socialmente às mulheres, e também pelas contribuições de Tithi Bhattacharya, ao revelar o valor do trabalho reprodutivo e afetivo invisibilizado nos primeiros momentos da personagem.

Outras personagens femininas, como Mor, Amren, Nestha e Elain, reforçam a diversidade de formas de protagonismo que a saga oferece. Cada uma delas expressa um tipo de resistência: Mor, ao sobreviver e desafiar a violência patriarcal; Amren, ao reivindicar sua força sem se enquadrar nos padrões normativos de feminilidade; Nestha, ao transformar dor em potência; e Elain, ao demonstrar que a delicadeza e a intuição também são formas legítimas de poder. Essas múltiplas faces da força feminina são fundamentais para escapar da armadilha da “mulher forte” como um novo estereótipo, oferecendo uma representação mais humana e multifacetada. Essa pluralidade também permite articular as experiências dessas personagens com os conceitos de performatividade de gênero, conforme proposto por Judith Butler. As personagens habitam fronteiras entre o que se espera socialmente das mulheres e o que elas constroem para si mesmas. Elas desmontam binarismos, contestam estruturas e reconstruem espaços simbólicos e políticos dentro do universo feérico. O papel de Feyre como líder e estrategista, o comando de Amren sobre poderes ancestrais, a sexualidade reprimida e posteriormente afirmada de Mor, e a recusa de Nestha em performar feminilidade tradicional são manifestações da subversão de papéis de gênero cristalizados.

Ao longo da monografia, a articulação com autoras como Maria Rita Kehl, Rita Laura Segato e Heleieth Saffiot, entre outras permitiu aprofundar a discussão sobre como as estruturas patriarcais e a cultura do estupro são retratadas na saga. A violência, física ou simbólica, aparece como um elemento recorrente, mas não como uma sentença. O poder da narrativa está em mostrar como as personagens não apenas sobrevivem à violência, mas reagem, organizam-se, formam alianças e constroem redes de apoio entre mulheres, fortalecendo a noção de sororidade enquanto ferramenta de resistência coletiva. A denúncia da “pedagogia da crueldade”, conceito de Segato, ecoa em passagens em que as personagens rompem com ciclos de opressão e se posicionam contra relações abusivas.

Importa também reconhecer os limites da obra. Embora seja um marco dentro da literatura jovem-adulta por inserir protagonistas femininas complexas, a saga ainda peca pela baixa diversidade racial e pelo predomínio de relações heterossexuais como foco central das tramas afetivas. Como apontado por Benedita da Silva e Lélia Gonzalez, qualquer proposta de empoderamento deve considerar as interseccionalidades de raça, classe e orientação sexual. Nesse sentido, há espaço para que futuras obras de fantasia se comprometam com representações mais inclusivas.

No contexto brasileiro, a recepção calorosa da saga evidencia não apenas o talento literário de Sarah J. Maas, mas também uma demanda crescente por narrativas que possibilitem às jovens leitoras enxergar a si mesmas em histórias de superação, amor e liderança. A fantasia se torna, aqui, um terreno fértil para ensaiar novas possibilidades de existência e resistência feminina. As discussões geradas por fãs nas redes sociais, os debates sobre relacionamentos tóxicos e a valorização da autonomia das personagens demonstram que o conteúdo da obra ultrapassa os limites do entretenimento e se inscreve em um debate cultural mais amplo.

Por fim, este trabalho reafirma a importância da literatura como campo de disputa simbólica, no qual a construção de narrativas alternativas, com mulheres no centro, falando por si, com suas vozes, seus corpos e seus desejos, pode ser um poderoso instrumento de transformação.

Corte de Espinhos e Rosas não é apenas uma saga de fantasia: é um manifesto simbólico do desejo contemporâneo por mais representatividade, mais equidade e mais liberdade para imaginar futuros nos quais o protagonismo feminino não seja exceção, mas norma.

REFERÊNCIAS

- Alves, Maria Amélia Matos. **Mulher e Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- Alves, Maria Helena Moreira. **Movimento feminino e transformação social no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- Bentes, Beatriz. **Cultura digital, identidades e memória**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Bhattacharya, Tithi. **Feminismo para os 99%: Um Manifesto**. Tradução de Eleonora Camurça. São Paulo: Boitempo, 2020.
- Butler, Judith. **Problemas de Gênero: O Feminismo e a Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Butler, Judith. **Corpos em aliança: e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- Costa, Ana Alice Alcântara. **Gênero e Relações Sociais**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- Costa Leite, Ana Paula. **Amor e gênero: estudos sobre a construção social do romance**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- Costa, Maria da. **Solidariedade e resistência: perspectivas femininas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- Connell, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. São Paulo: nVersos, 2017.
- Dalcastagnè, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- D'Ávila, Milena. **Por que lutamos?: uma história das lutas feministas no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- De Beauvoir, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- De Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- De Beauvoir, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- Gonzalez, Lélia. “**Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**”. In: Revista de Cultura Vozes, n. 82, pp. 15-20, 1988.
- Hollanda, Heloísa Buarque de. **Impressões de Viagem: O Feminino e o Masculino na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- Kehl, Maria Rita. **O tempo e o cão: A atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- Kehl, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- Kehl, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- Leite, Célia da Costa. **Gênero e sexualidade na escola**. São Paulo: Cortez, s.d.
- Lemos, André. **Ciber-Cultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- Lewin, Miriam. **Dinâmicas das relações amorosas no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- Menicucci De Oliveira, Elizabete. **Políticas para Mulheres no Brasil: de Vargas a Lula**. São Paulo: Cortez, 2007.
- Moraes, María Luisa de Quadros de. **Feminismo em São Paulo na década de 1970**. São Paulo: Cortez, s.d.
- Menicucci de Oliveira, Eleonora. **Autonomia e empoderamento feminino: desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- Maas, Sarah J. **Corte de Espinhos e Rosas**. Bloomsbury Publishing, 2015.
- Maas, Sarah J. **Corte de Névoa e Fúria**. Bloomsbury Publishing, 2016.
- Maas, Sarah J. **Corte de Asas e Ruína**. Bloomsbury Publishing, 2017.
- Maas, Sarah J. **Corte de Gelo e Estrelas**. Bloomsbury Publishing, 2018.
- Maas, Sarah J. **Corte de Chamas Prateadas**. Bloomsbury Publishing, 2021.
- Pitanguy, Jacqueline. **O que é cidadania feminina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- Reis, Veronica. **O que é Feminismo Negro: Conceitos básicos**. Rio de Janeiro: Aqualtune, 2018.
- Rodrigues, Carla. **O mito da beleza e outras armadilhas**. São Paulo: Ágora, 2006.
- Saffioti, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- Saffioti, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- Saffioti, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Segato, Rita Laura. **La pedagogía de la crueldad.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2016.

Segato, Rita Laura. **Crítica da Colonialidade em Oito Ensaios e uma Antropologia por Demanda.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

Segato, Rita Laura. **As estruturas elementares da violência: ensaios sobre gênero entre a antropologia, o psicanálise e os direitos humanos.** Trad. Danú Gontijo. São Paulo: Bazar do Tempo, 2025.

Segato, Rita Laura. **A guerra contra as mulheres.** Tradução de Ana Luiza de Almeida. São Paulo: Todavia, 2020.

Silva, Benedicta da. Benedicta da Silva: **A Voz da Favela.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

Silva, Benedita da. Benedita da Silva: **uma heroína do nosso tempo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1992.

Solano, Esther. **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2019.

Solano, Helena. **Feminismo e cultura popular: desafios contemporâneos.** São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

Vulture. **Sarah J. Maas: The World-Building Queen.** [S. l.]: Vulture, 2022. Disponível em: <https://www.vulture.com/2022/03/sarah-j-maas-interview.html>. Acesso em: 25 jun. 2025.

https://cortedeespinhoserosas.fandom.com/pt-br/wiki/Corte_de_Espinhos_e_Rosas

https://cortedeespinhoserosas.fandom.com/pt-br/wiki/Corte_de_N%C3%A9voa_e_F%C3%BAria

https://cortedeespinhoserosas.fandom.com/pt-br/wiki/Corte_de_Asas_e_Ru%C3%ADna

https://cortedeespinhoserosas.fandom.com/pt-br/wiki/Corte_de_Gelo_e_Estrelas

https://cortedeespinhoserosas.fandom.com/pt-br/wiki/Corte_de_Chamas_Prateada

<https://valkirias.com.br/a-saga-corte-de-espinhos-e-rosas-e-a-util-construcao-de-um-relacionamento-abusivo/>